



**UMA ABORDAGEM DA  
SOCIOLOGIA  
NAS ORGANIZAÇÕES**

MICHELE TUPICH BARBOSA

Caros alunos,

Esse ebook é um pdf interativo. Para conseguir acessar todos os seus recursos, é recomendada a utilização do programa Adobe Reader 11.

Caso não tenha o programa instalado em seu computador, segue o link para download:

<http://get.adobe.com/br/reader/>

Para conseguir acessar os outros materiais como vídeos e sites, é necessário também a conexão com a internet.

O menu interativo leva-os aos diversos capítulos desse ebook, enquanto as setas laterais podem lhe redirecionar ao índice ou às páginas anteriores e posteriores.

Nesse *pdf*, o professor da disciplina, através de textos próprios ou de outros autores, tece comentários, disponibiliza links, vídeos e outros materiais que complementarão o seu estudo.

Para acessar esse material e utilizar o arquivo de maneira completa, explore seus elementos, clicando em botões como flechas, linhas, caixas de texto, círculos, palavras em destaque e descubra, através dessa interação, que o conhecimento está disponível nas mais diversas ferramentas.

Boa leitura!

# SUMÁRIO





## APRESENTAÇÃO

Caro estudante,

Este *e-book* objetiva auxiliá-lo na formação em sociologia e sociologia organizacional. Muitos trabalhos com excelente rigor científico e acadêmico foram produzidos sobre a temática. Além, é claro dos clássicos e expoentes trabalhos dos sociólogos do século XIX, Karl Marx, Max Weber e Émile Durkheim.

Traça-se aqui um panorama geral para aprofundamento na área, a partir das comparações com os demais materiais de apoio, mas sem a pretensão de esgotar o assunto.

Desejo que o tema desperte em você o desejo pelo amplo conhecimento da sociedade e das implicações da sociologia no âmbito organizacional. Todos os autores citados no trabalho são de suma importância para o entendimento da sociedade e das relações estabelecidas entre os indivíduos nas diversas esferas de relações humanas.

Desejo bons estudos.

# 1. COMPREENDENDO A SOCIOLOGIA

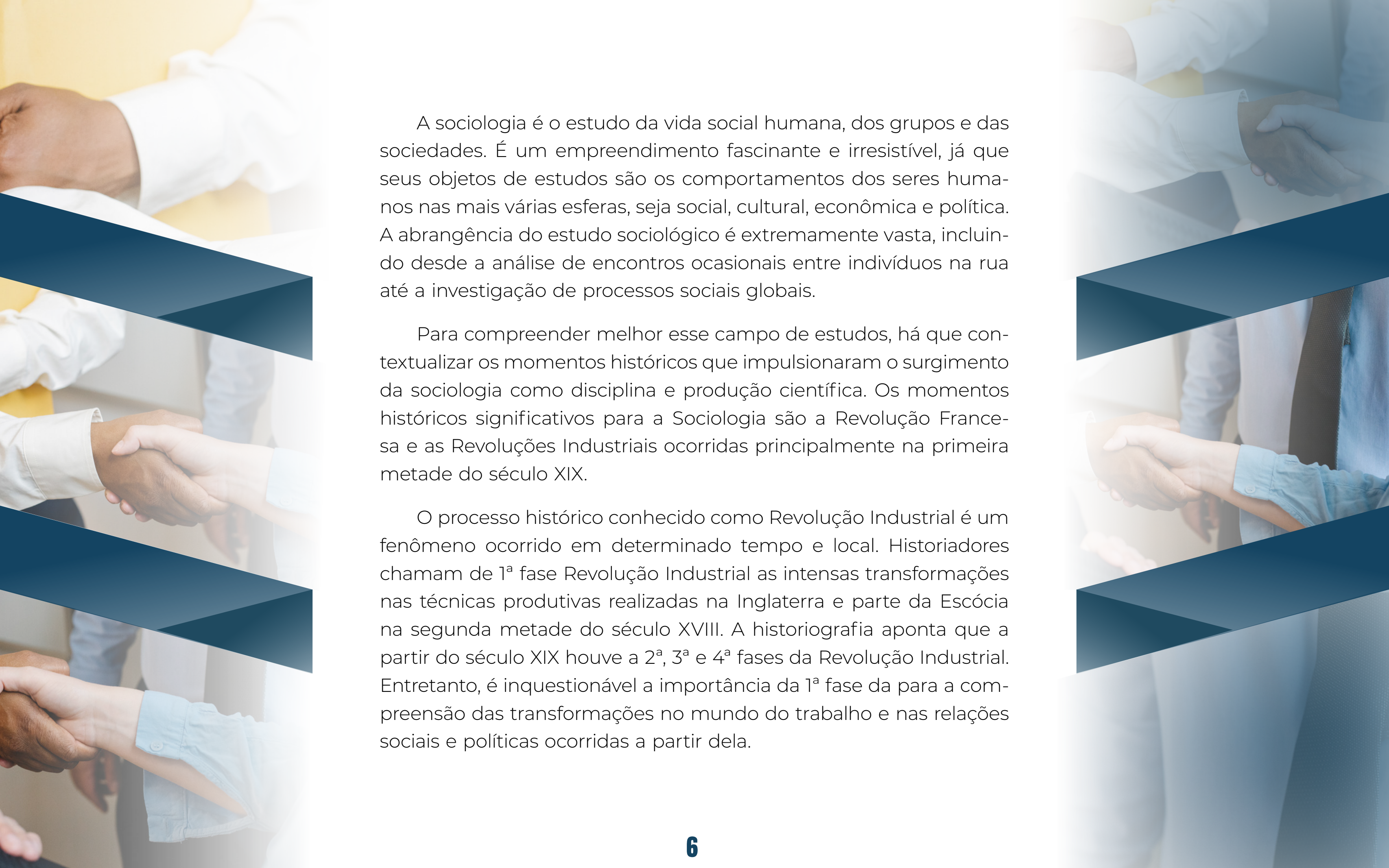
## Figura 1 - Sociologia

**Fonte:** Dreamstime.

Quantas vezes você refletiu sobre a forma como a sociologia faz parte da sua vida? Mais do que um campo de estudos científicos, a sociologia está presente no dia a dia por diversos símbolos, representações e sentidos das escolhas feitas.

Para o sociólogo Anthony Giddens, é tarefa da sociologia

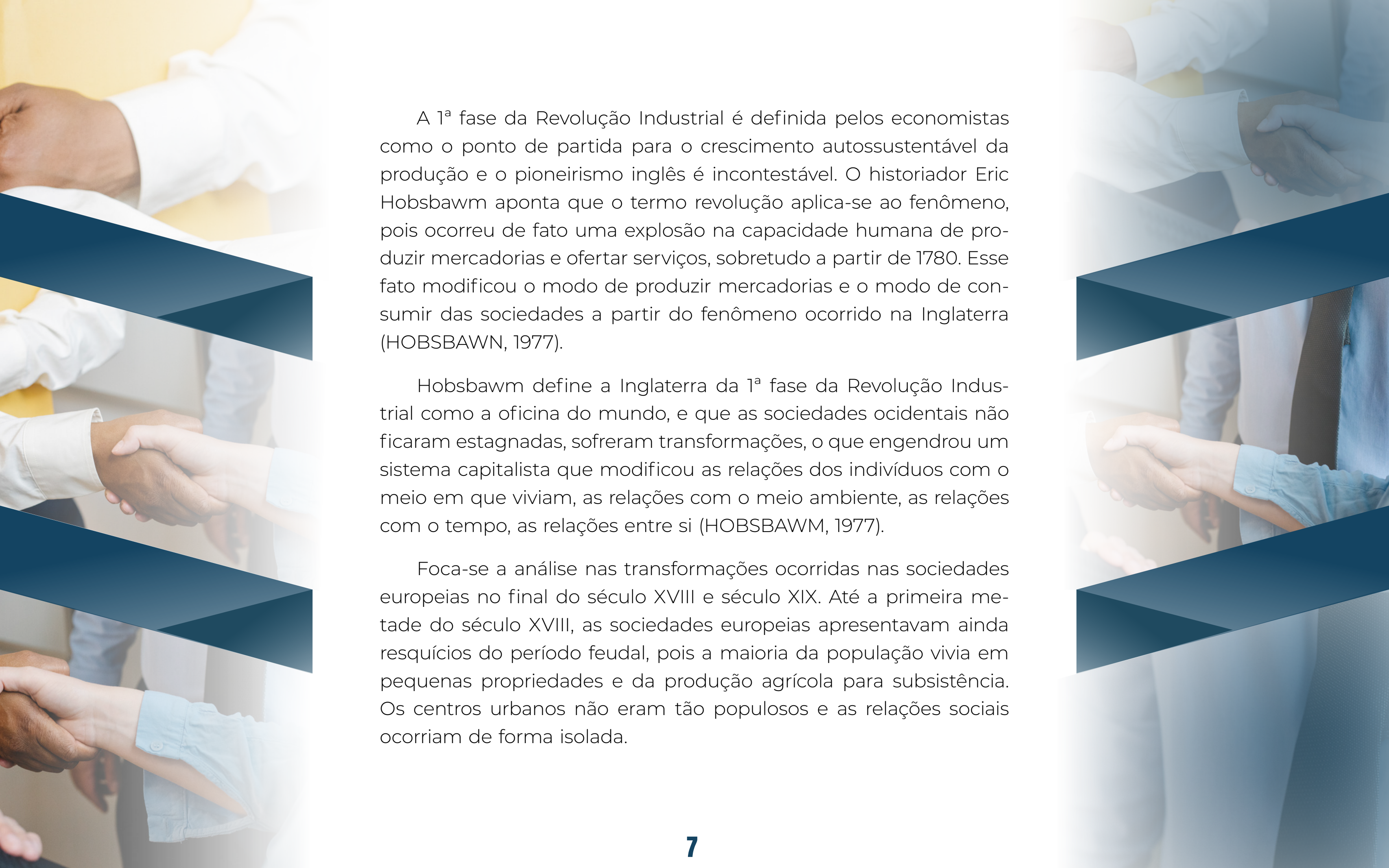
[...] fornecer concepções da atividade social humana e do agente humano que possam ser colocadas a serviço do trabalho empírico. A principal preocupação da teoria social é idêntica a das ciências sociais em geral: a elucidação de processos concretos da vida social. (GIDDENS, 1991, p. 15).



A sociologia é o estudo da vida social humana, dos grupos e das sociedades. É um empreendimento fascinante e irresistível, já que seus objetos de estudos são os comportamentos dos seres humanos nas mais várias esferas, seja social, cultural, econômica e política. A abrangência do estudo sociológico é extremamente vasta, incluindo desde a análise de encontros ocasionais entre indivíduos na rua até a investigação de processos sociais globais.

Para compreender melhor esse campo de estudos, há que contextualizar os momentos históricos que impulsionaram o surgimento da sociologia como disciplina e produção científica. Os momentos históricos significativos para a Sociologia são a Revolução Francesa e as Revoluções Industriais ocorridas principalmente na primeira metade do século XIX.

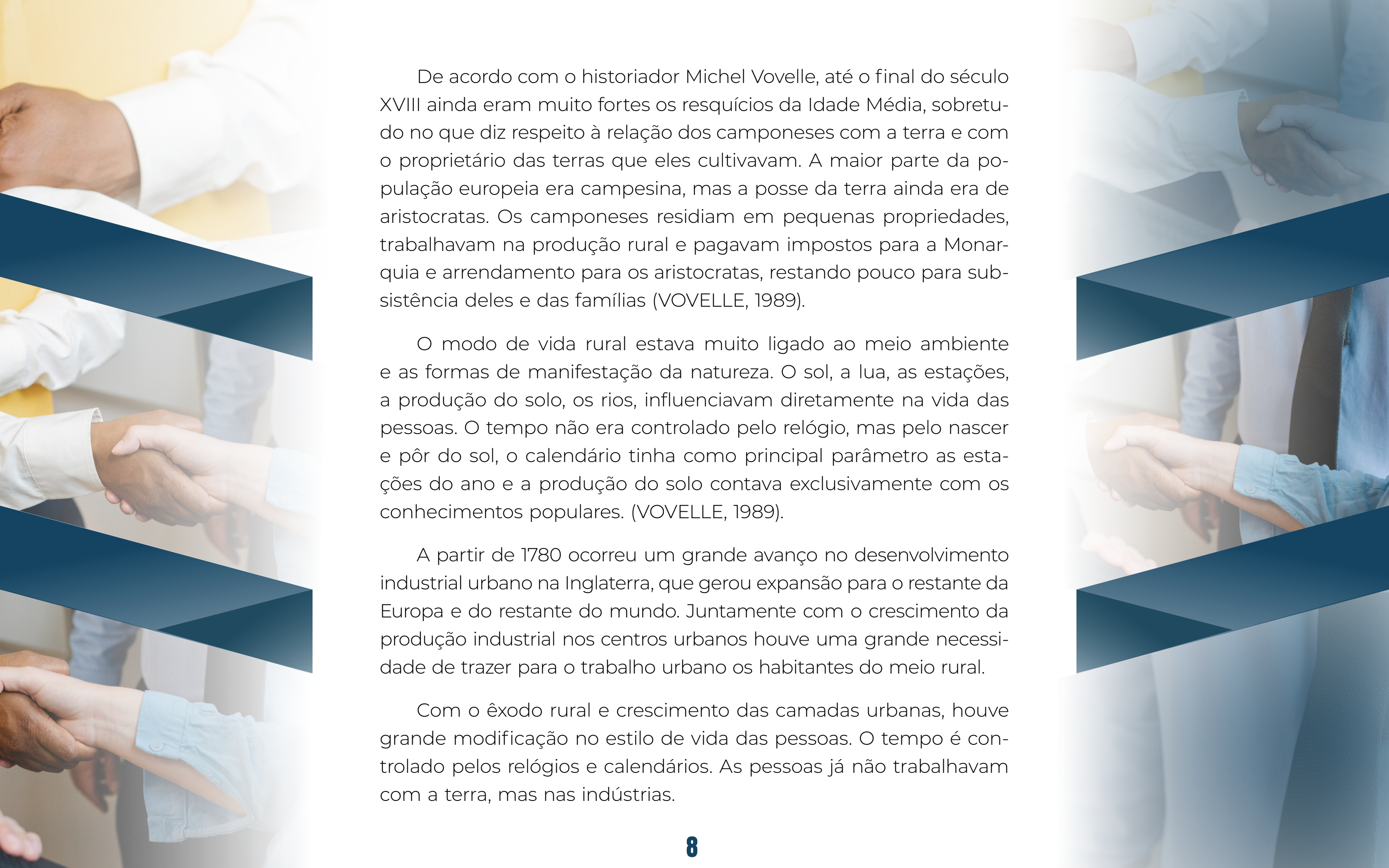
O processo histórico conhecido como Revolução Industrial é um fenômeno ocorrido em determinado tempo e local. Historiadores chamam de 1ª fase Revolução Industrial as intensas transformações nas técnicas produtivas realizadas na Inglaterra e parte da Escócia na segunda metade do século XVIII. A historiografia aponta que a partir do século XIX houve a 2ª, 3ª e 4ª fases da Revolução Industrial. Entretanto, é inquestionável a importância da 1ª fase da para a compreensão das transformações no mundo do trabalho e nas relações sociais e políticas ocorridas a partir dela.



A 1ª fase da Revolução Industrial é definida pelos economistas como o ponto de partida para o crescimento autossustentável da produção e o pioneirismo inglês é incontestável. O historiador Eric Hobsbawm aponta que o termo revolução aplica-se ao fenômeno, pois ocorreu de fato uma explosão na capacidade humana de produzir mercadorias e ofertar serviços, sobretudo a partir de 1780. Esse fato modificou o modo de produzir mercadorias e o modo de consumir das sociedades a partir do fenômeno ocorrido na Inglaterra (HOBSBAWN, 1977).

Hobsbawm define a Inglaterra da 1ª fase da Revolução Industrial como a oficina do mundo, e que as sociedades ocidentais não ficaram estagnadas, sofreram transformações, o que engendrou um sistema capitalista que modificou as relações dos indivíduos com o meio em que viviam, as relações com o meio ambiente, as relações com o tempo, as relações entre si (HOBSBAWM, 1977).

Foca-se a análise nas transformações ocorridas nas sociedades europeias no final do século XVIII e século XIX. Até a primeira metade do século XVIII, as sociedades europeias apresentavam ainda resquícios do período feudal, pois a maioria da população vivia em pequenas propriedades e da produção agrícola para subsistência. Os centros urbanos não eram tão populosos e as relações sociais ocorriam de forma isolada.



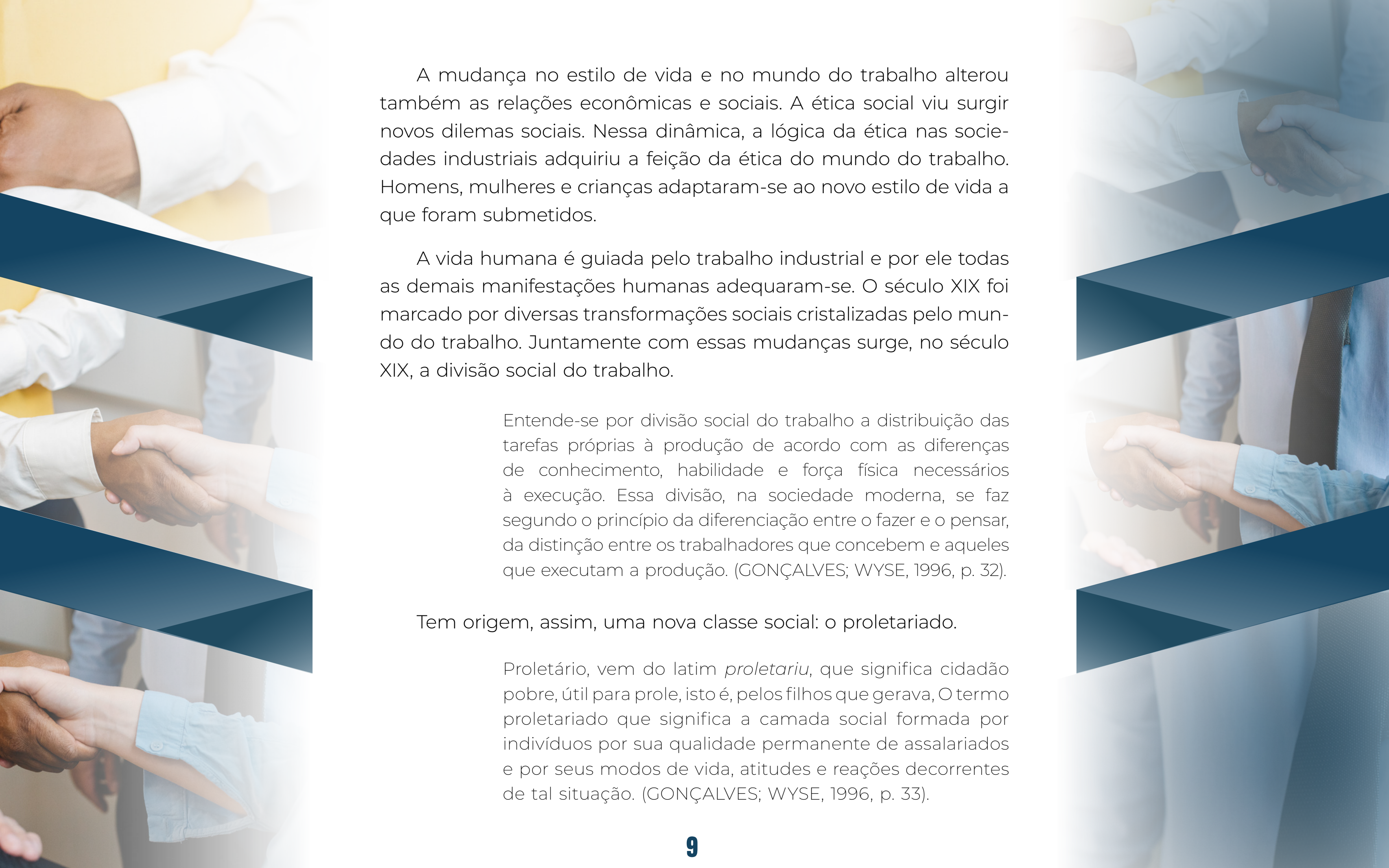
De acordo com o historiador Michel Vovelle, até o final do século XVIII ainda eram muito fortes os resquícios da Idade Média, sobretudo no que diz respeito à relação dos camponeses com a terra e com o proprietário das terras que eles cultivavam. A maior parte da população europeia era campesina, mas a posse da terra ainda era de aristocratas. Os camponeses residiam em pequenas propriedades, trabalhavam na produção rural e pagavam impostos para a Monarquia e arrendamento para os aristocratas, restando pouco para subsistência deles e das famílias (VOVELLE, 1989).

O modo de vida rural estava muito ligado ao meio ambiente e as formas de manifestação da natureza. O sol, a lua, as estações, a produção do solo, os rios, influenciavam diretamente na vida das pessoas. O tempo não era controlado pelo relógio, mas pelo nascer e pôr do sol, o calendário tinha como principal parâmetro as estações do ano e a produção do solo contava exclusivamente com os conhecimentos populares. (VOVELLE, 1989).

A partir de 1780 ocorreu um grande avanço no desenvolvimento industrial urbano na Inglaterra, que gerou expansão para o restante da Europa e do restante do mundo. Juntamente com o crescimento da produção industrial nos centros urbanos houve uma grande necessidade de trazer para o trabalho urbano os habitantes do meio rural.

Com o êxodo rural e crescimento das camadas urbanas, houve grande modificação no estilo de vida das pessoas. O tempo é controlado pelos relógios e calendários. As pessoas já não trabalhavam com a terra, mas nas indústrias.





A mudança no estilo de vida e no mundo do trabalho alterou também as relações econômicas e sociais. A ética social viu surgir novos dilemas sociais. Nessa dinâmica, a lógica da ética nas sociedades industriais adquiriu a feição da ética do mundo do trabalho. Homens, mulheres e crianças adaptaram-se ao novo estilo de vida a que foram submetidos.

A vida humana é guiada pelo trabalho industrial e por ele todas as demais manifestações humanas adequaram-se. O século XIX foi marcado por diversas transformações sociais cristalizadas pelo mundo do trabalho. Juntamente com essas mudanças surge, no século XIX, a divisão social do trabalho.

Entende-se por divisão social do trabalho a distribuição das tarefas próprias à produção de acordo com as diferenças de conhecimento, habilidade e força física necessários à execução. Essa divisão, na sociedade moderna, se faz segundo o princípio da diferenciação entre o fazer e o pensar, da distinção entre os trabalhadores que concebem e aqueles que executam a produção. (GONÇALVES; WYSE, 1996, p. 32).

Tem origem, assim, uma nova classe social: o proletariado.

Proletário, vem do latim *proletariu*, que significa cidadão pobre, útil para prole, isto é, pelos filhos que gerava, O termo proletariado que significa a camada social formada por indivíduos por sua qualidade permanente de assalariados e por seus modos de vida, atitudes e reações decorrentes de tal situação. (GONÇALVES; WYSE, 1996, p. 33).

A introdução dessa divisão social do trabalho alterou radicalmente as relações de produção, a vinculação do trabalhador com o produto de seu trabalho. Por ter a atividade limitada à execução de tarefas bem específicas, o trabalhador ficou excluído de qualquer participação nas decisões referentes ao processo de trabalho. Ao grande progresso material que se seguiu a essa revolução não corresponderam condições dignas de trabalho. A questão social manifestava-se nas jornadas de 16 a 18 horas de trabalho por dia, na falta de direito a férias ou a qualquer outro benefício, na utilização de mulheres e crianças como mão de obra barata e nas condições insalubres de trabalho. (GONÇALVES; WYSE, 1996).

### **Figura 2 - Tempos Modernos**

#### **Sugestão de Filme**

Título: *Tempos Modernos*

Direção: Charles Chaplin

Ano: 1936

**Fonte:** Rádio Peão Brasil.

Sinopse: estrelado e dirigido por Charles Chaplin, é uma obra genial do cinema mudo e trata a objetificação do ser humano e o trabalho compulsório explorado nas revoluções industriais. Uma excelente sugestão de cinema.

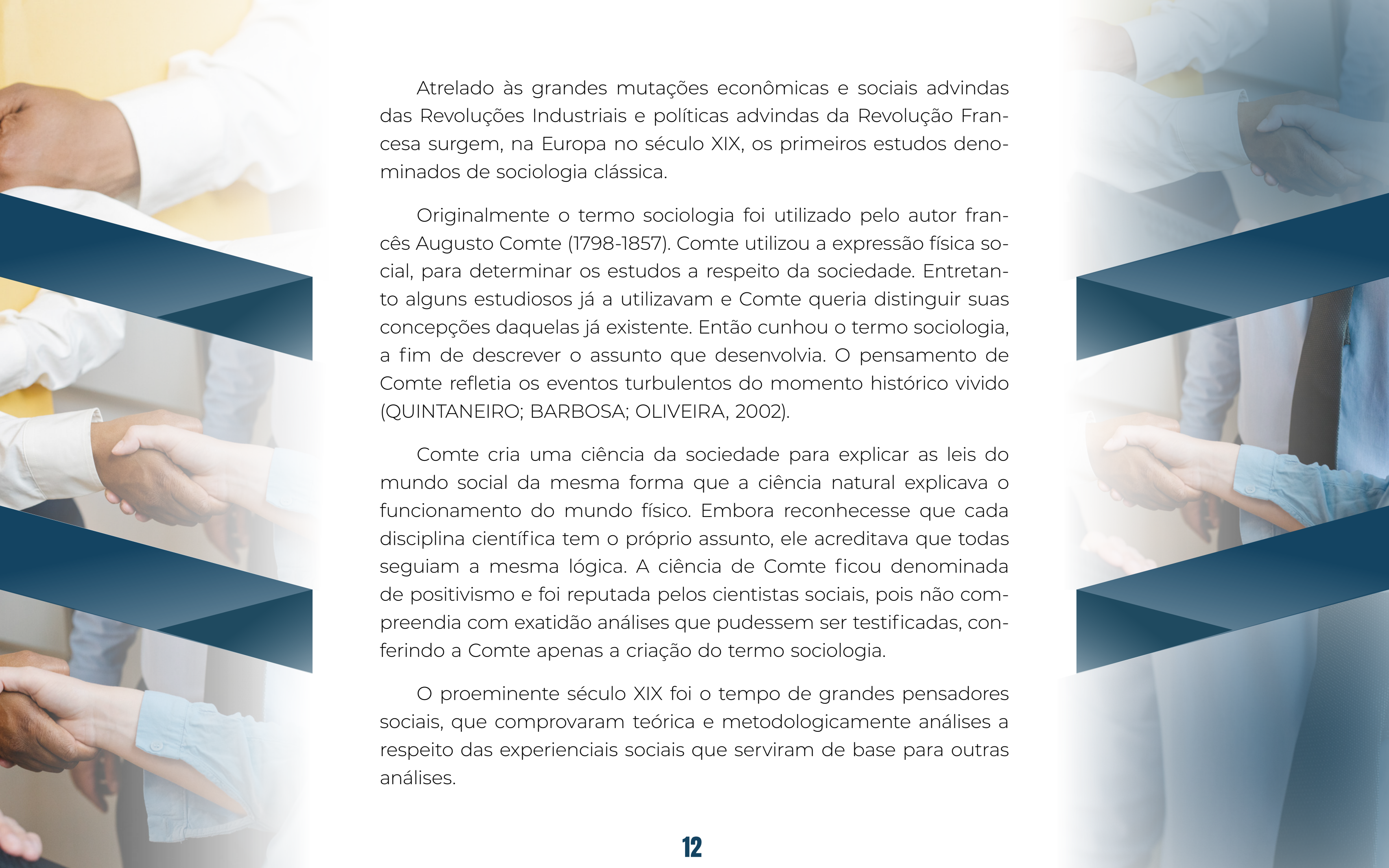


**Figura 3 - *A liberdade guiando o povo*, pintura de Delacroix**

**Fonte:** História do Mundo.

As diversas manifestações da vida humana foram definitivamente alteradas após as sucessivas transformações ocorridas das fases das Revoluções Industriais. Concomitante a elas ocorreu na Europa outro contexto histórico significativo para as transformações sociais e políticas nos cenários europeus, a Revolução Francesa, processo histórico que teve início em 1789, e que provocou sucessivas mudanças políticas, sociais e econômicas na França.

De acordo com Michel Volvelle, a Revolução Francesa representou a queda da Monarquia Absolutista na França e a implantação de modelos de poder político centralizados no poder popular. Sobre a Revolução analisa-se o fato da queda do antigo regime e da centralidade do poder nas mãos de grupos políticos. Essa mudança gerou novas perspectivas de poder na França e em níveis internacionais (VOVELLE, 1989).

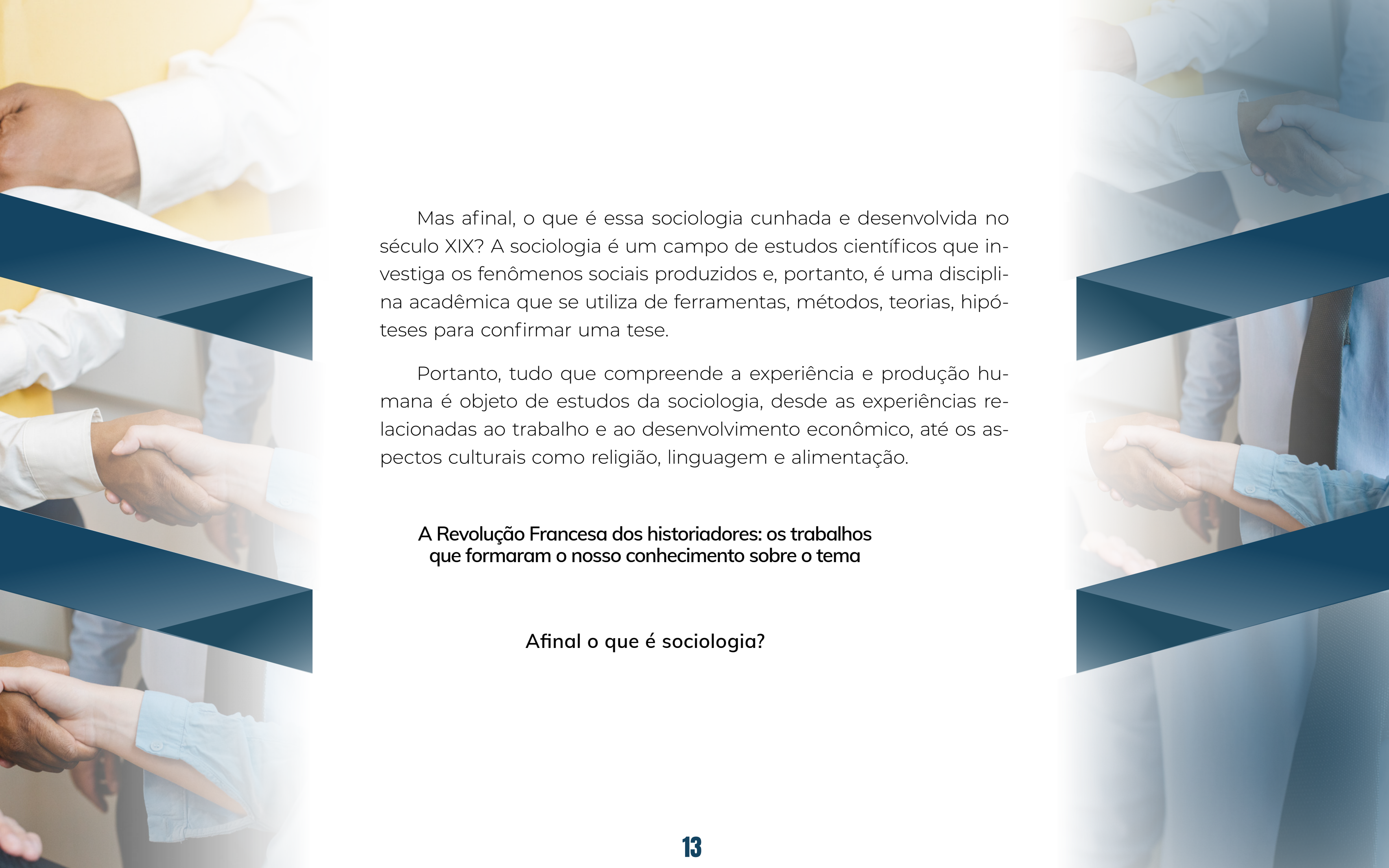


Atrelado às grandes mutações econômicas e sociais advindas das Revoluções Industriais e políticas advindas da Revolução Francesa surgem, na Europa no século XIX, os primeiros estudos denominados de sociologia clássica.

Originalmente o termo sociologia foi utilizado pelo autor francês Augusto Comte (1798-1857). Comte utilizou a expressão física social, para determinar os estudos a respeito da sociedade. Entretanto alguns estudiosos já a utilizavam e Comte queria distinguir suas concepções daquelas já existente. Então cunhou o termo sociologia, a fim de descrever o assunto que desenvolvia. O pensamento de Comte refletia os eventos turbulentos do momento histórico vivido (QUINTANEIRO; BARBOSA; OLIVEIRA, 2002).

Comte cria uma ciência da sociedade para explicar as leis do mundo social da mesma forma que a ciência natural explicava o funcionamento do mundo físico. Embora reconhecesse que cada disciplina científica tem o próprio assunto, ele acreditava que todas seguiam a mesma lógica. A ciência de Comte ficou denominada de positivismo e foi reputada pelos cientistas sociais, pois não compreendia com exatidão análises que pudessem ser testificadas, conferindo a Comte apenas a criação do termo sociologia.

O proeminente século XIX foi o tempo de grandes pensadores sociais, que comprovaram teórica e metodologicamente análises a respeito das experiências sociais que serviram de base para outras análises.



Mas afinal, o que é essa sociologia cunhada e desenvolvida no século XIX? A sociologia é um campo de estudos científicos que investiga os fenômenos sociais produzidos e, portanto, é uma disciplina acadêmica que se utiliza de ferramentas, métodos, teorias, hipóteses para confirmar uma tese.

Portanto, tudo que compreende a experiência e produção humana é objeto de estudos da sociologia, desde as experiências relacionadas ao trabalho e ao desenvolvimento econômico, até os aspectos culturais como religião, linguagem e alimentação.

**A Revolução Francesa dos historiadores: os trabalhos que formaram o nosso conhecimento sobre o tema**

**Afinal o que é sociologia?**

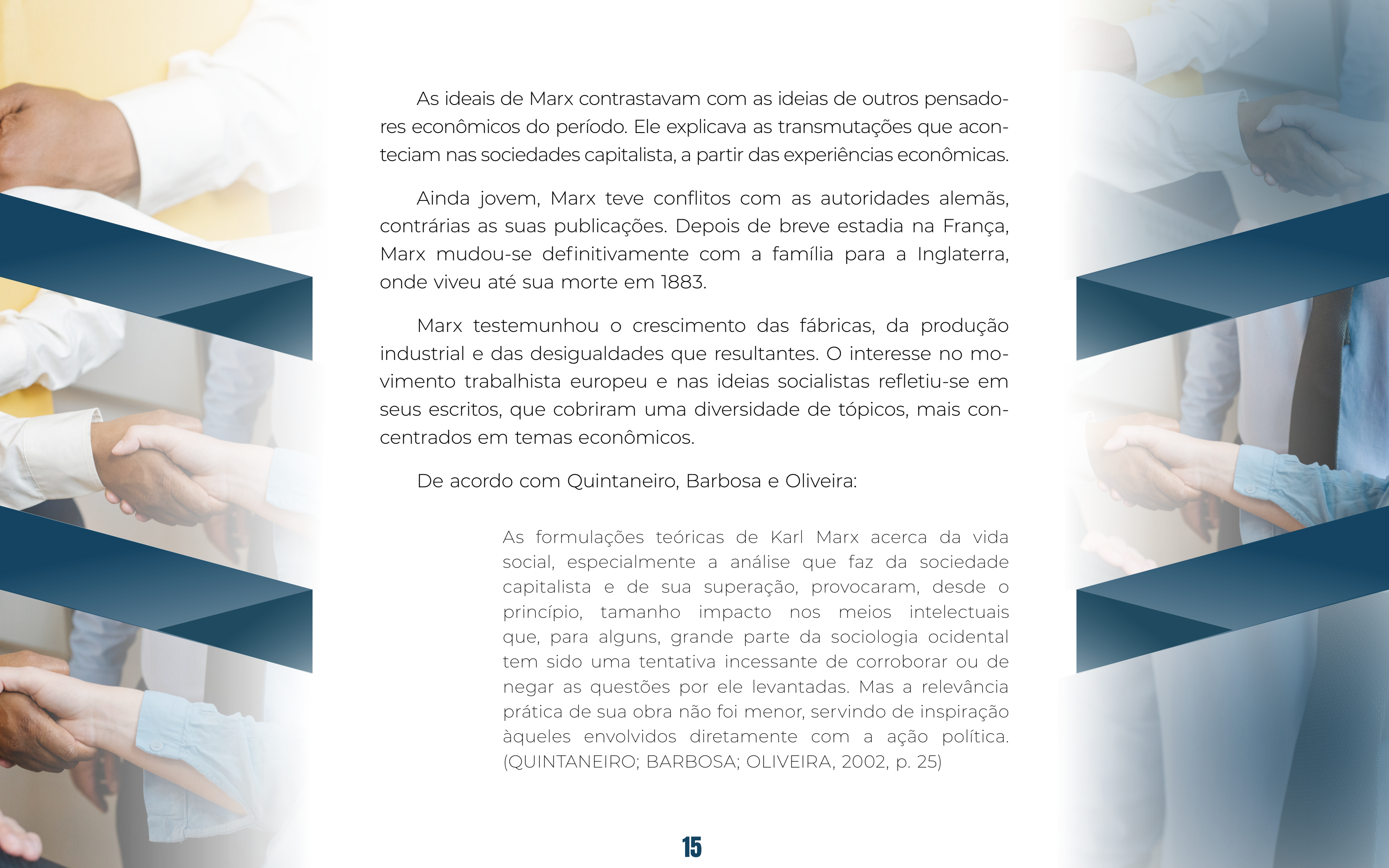
## 2. OS AUTORES DA SOCIOLOGIA CLÁSSICA

### Figura 4 - Clássicos da Sociologia

**Fonte:** Rogers State University.

Três estudiosos são considerados expoentes do surgimento da nova ciência e chamados de clássicos da sociologia. São Max Weber, Karl Marx e Émile Durkheim. O objetivo é abordar rapidamente os conceitos sociológicos definidos por eles.

Inicia-se pelo alemão Karl Marx (1818-1883). Marx viveu nos momentos de efervescência do desenvolvimento industrial na Europa e do crescimento populacional nas chamadas metrópoles industriais. Se por um lado havia desenvolvimento capitalista, por outro, havia o crescimento da pauperização urbana. É sobre esse conflito de classes que Marx dedicou parte de seu trabalho.




As ideias de Marx contrastavam com as ideias de outros pensadores econômicos do período. Ele explicava as transmutações que aconteciam nas sociedades capitalista, a partir das experiências econômicas.

Ainda jovem, Marx teve conflitos com as autoridades alemãs, contrárias as suas publicações. Depois de breve estadia na França, Marx mudou-se definitivamente com a família para a Inglaterra, onde viveu até sua morte em 1883.

Marx testemunhou o crescimento das fábricas, da produção industrial e das desigualdades que resultantes. O interesse no movimento trabalhista europeu e nas ideias socialistas refletiu-se em seus escritos, que cobriram uma diversidade de tópicos, mais concentrados em temas econômicos.

De acordo com Quintaneiro, Barbosa e Oliveira:

As formulações teóricas de Karl Marx acerca da vida social, especialmente a análise que faz da sociedade capitalista e de sua superação, provocaram, desde o princípio, tamanho impacto nos meios intelectuais que, para alguns, grande parte da sociologia ocidental tem sido uma tentativa incessante de corroborar ou de negar as questões por ele levantadas. Mas a relevância prática de sua obra não foi menor, servindo de inspiração àqueles envolvidos diretamente com a ação política. (QUINTANEIRO; BARBOSA; OLIVEIRA, 2002, p. 25)



Os objetos que Marx se propôs a analisar, desde a gênese das sociedades humanas, permeadas por estruturas sociais, econômicas, políticas e ideológicas, resultaram em complexas teorias de análise social. E, conforme ressaltam Quintaneiro, Barbosa e Oliveira, “[...] é impossível catalogar todos os trabalhos que se propuseram a interpretá-lo.” (QUINTANEIRO; BARBOSA; OLIVEIRA, 2002, p. 57). Portanto, qualquer análise produzida ou pretensão de compreensão da teoria marxista requer estudo e empenho dos entusiastas.

Para conhecer a teoria marxista leia *Um toque de clássicos: Durkheim, Marx e Weber* de Tânia Quintaneiro, Maria Ligia de Oliveira Barbosa, Márcia Gardênia de Oliveira, 2002.

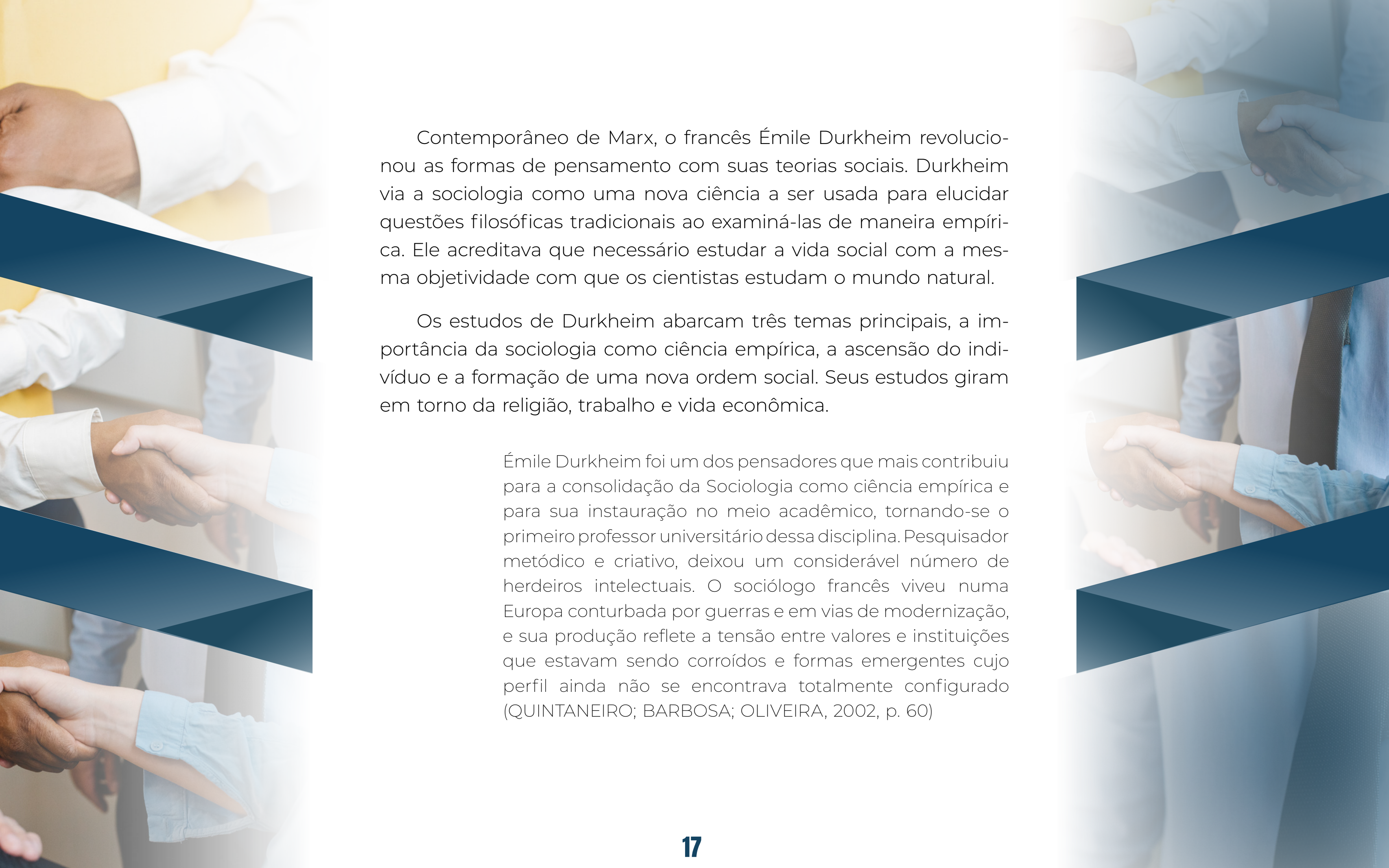
### **Um toque de clássicos: Durkheim, Marx e Weber**

#### **KARL MARX - Filosofia | Mapa Mental | Quer Que Desenhe**

Em 2017 foi lançado o filme *O jovem Karl Marx*, dirigido pelo haitiano Raoul Peck.

#### **O Jovem Karl Marx**

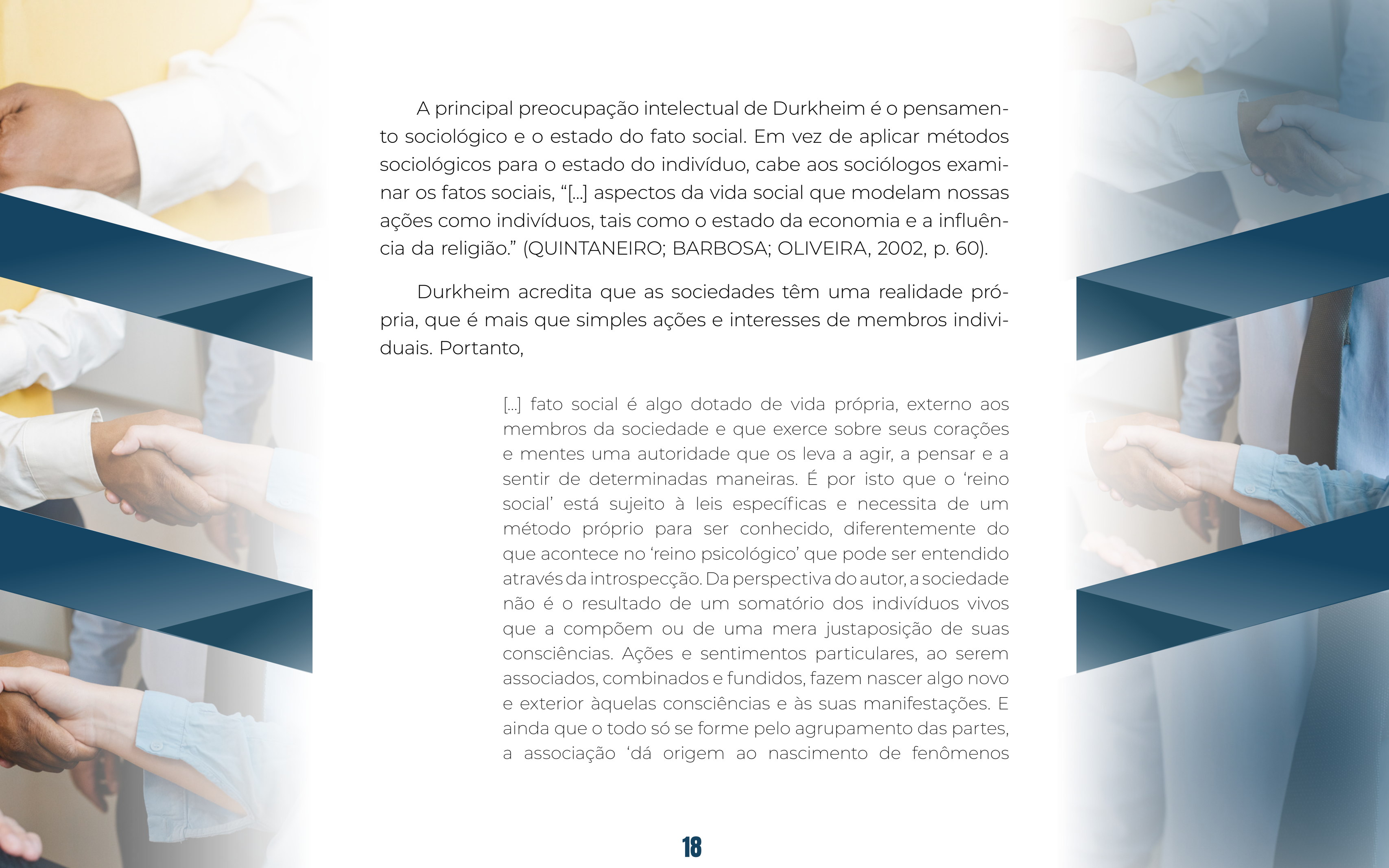




Contemporâneo de Marx, o francês Émile Durkheim revolucionou as formas de pensamento com suas teorias sociais. Durkheim via a sociologia como uma nova ciência a ser usada para elucidar questões filosóficas tradicionais ao examiná-las de maneira empírica. Ele acreditava que necessário estudar a vida social com a mesma objetividade com que os cientistas estudam o mundo natural.

Os estudos de Durkheim abarcam três temas principais, a importância da sociologia como ciência empírica, a ascensão do indivíduo e a formação de uma nova ordem social. Seus estudos giram em torno da religião, trabalho e vida econômica.

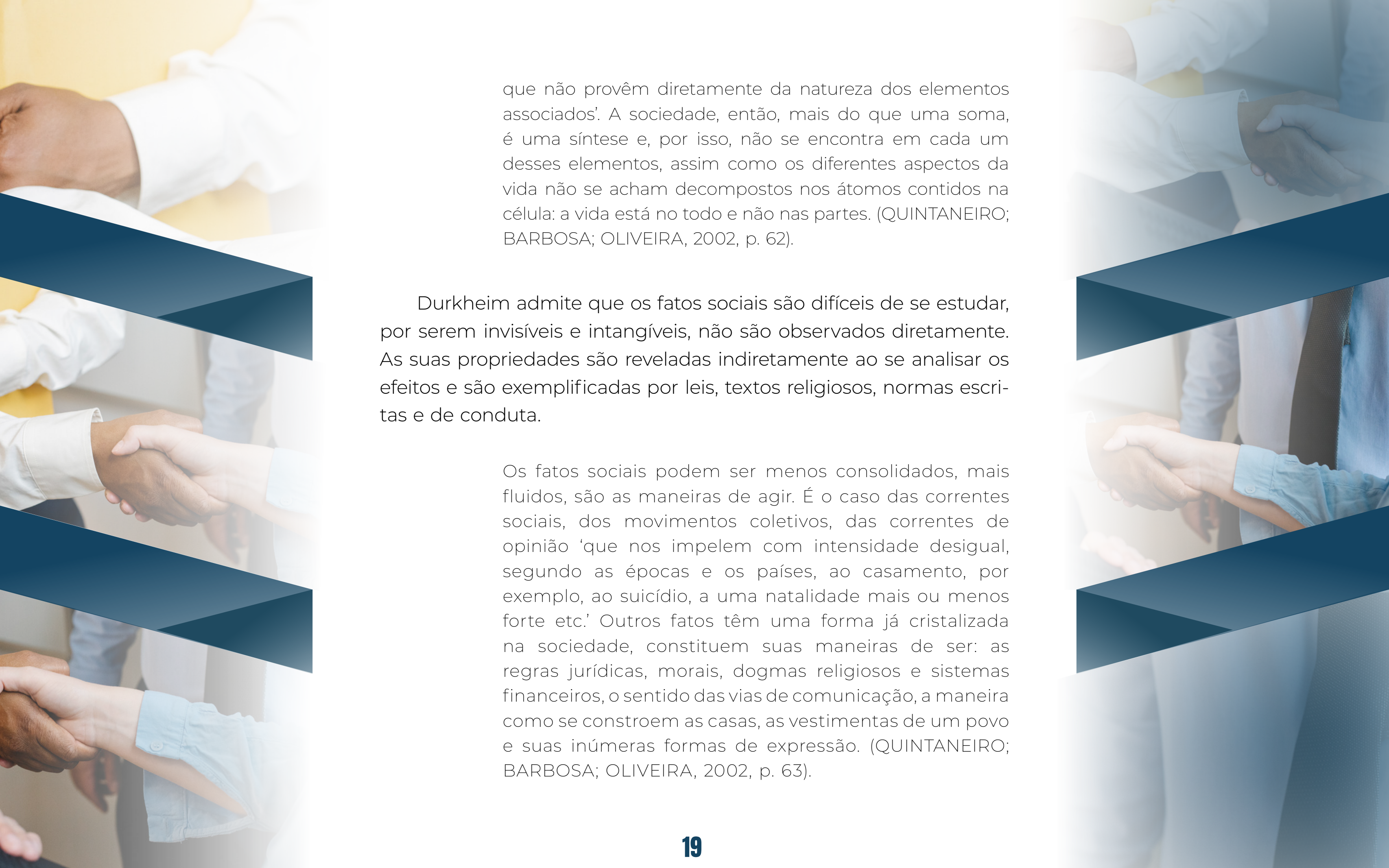
Émile Durkheim foi um dos pensadores que mais contribuiu para a consolidação da Sociologia como ciência empírica e para sua instauração no meio acadêmico, tornando-se o primeiro professor universitário dessa disciplina. Pesquisador metódico e criativo, deixou um considerável número de herdeiros intelectuais. O sociólogo francês viveu numa Europa conturbada por guerras e em vias de modernização, e sua produção reflete a tensão entre valores e instituições que estavam sendo corroídos e formas emergentes cujo perfil ainda não se encontrava totalmente configurado (QUINTANEIRO; BARBOSA; OLIVEIRA, 2002, p. 60)



A principal preocupação intelectual de Durkheim é o pensamento sociológico e o estado do fato social. Em vez de aplicar métodos sociológicos para o estado do indivíduo, cabe aos sociólogos examinar os fatos sociais, “[...] aspectos da vida social que modelam nossas ações como indivíduos, tais como o estado da economia e a influência da religião.” (QUINTANEIRO; BARBOSA; OLIVEIRA, 2002, p. 60).

Durkheim acredita que as sociedades têm uma realidade própria, que é mais que simples ações e interesses de membros individuais. Portanto,


[...] fato social é algo dotado de vida própria, externo aos membros da sociedade e que exerce sobre seus corações e mentes uma autoridade que os leva a agir, a pensar e a sentir de determinadas maneiras. É por isto que o ‘reino social’ está sujeito à leis específicas e necessita de um método próprio para ser conhecido, diferentemente do que acontece no ‘reino psicológico’ que pode ser entendido através da introspecção. Da perspectiva do autor, a sociedade não é o resultado de um somatório dos indivíduos vivos que a compõem ou de uma mera justaposição de suas consciências. Ações e sentimentos particulares, ao serem associados, combinados e fundidos, fazem nascer algo novo e exterior àquelas consciências e às suas manifestações. E ainda que o todo só se forme pelo agrupamento das partes, a associação ‘dá origem ao nascimento de fenômenos



que não provêm diretamente da natureza dos elementos associados'. A sociedade, então, mais do que uma soma, é uma síntese e, por isso, não se encontra em cada um desses elementos, assim como os diferentes aspectos da vida não se acham decompostos nos átomos contidos na célula: a vida está no todo e não nas partes. (QUINTANEIRO; BARBOSA; OLIVEIRA, 2002, p. 62).

Durkheim admite que os fatos sociais são difíceis de se estudar, por serem invisíveis e intangíveis, não são observados diretamente. As suas propriedades são reveladas indiretamente ao se analisar os efeitos e são exemplificadas por leis, textos religiosos, normas escritas e de conduta.

Os fatos sociais podem ser menos consolidados, mais fluidos, são as maneiras de agir. É o caso das correntes sociais, dos movimentos coletivos, das correntes de opinião 'que nos impelem com intensidade desigual, segundo as épocas e os países, ao casamento, por exemplo, ao suicídio, a uma natalidade mais ou menos forte etc.' Outros fatos têm uma forma já cristalizada na sociedade, constituem suas maneiras de ser: as regras jurídicas, morais, dogmas religiosos e sistemas financeiros, o sentido das vias de comunicação, a maneira como se constroem as casas, as vestimentas de um povo e suas inúmeras formas de expressão. (QUINTANEIRO; BARBOSA; OLIVEIRA, 2002, p. 63).



Um dos estudos mais famosos de Durkheim tem como objeto a análise do suicídio como uma experiência coletiva. Ao longo da vida acadêmica, Durkheim foi inovador nas temáticas de abordagem, além de ter sido o primeiro intelectual a levar a sociologia para as universidades e efetivá-la como disciplina nas Universidades.

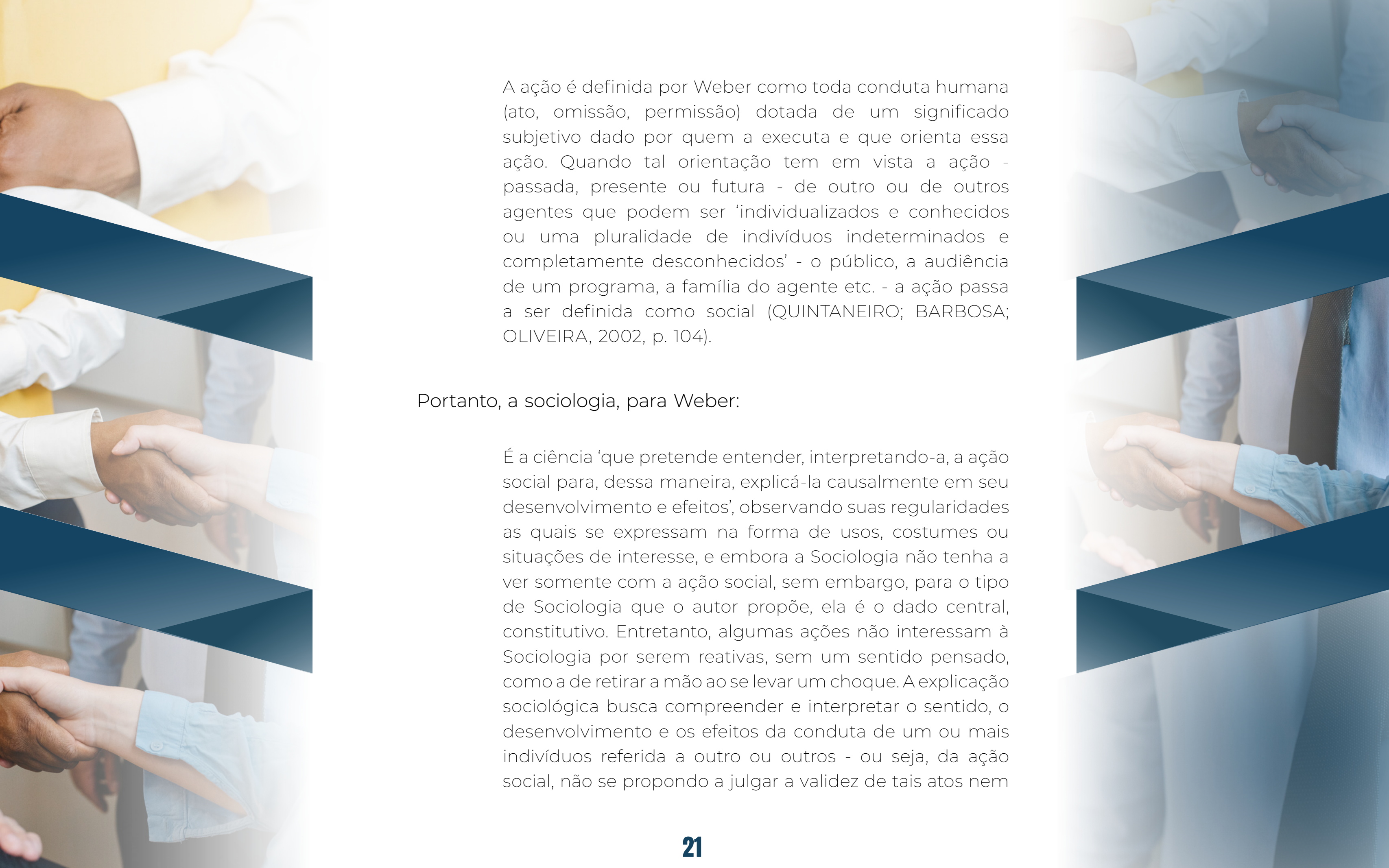
Conheça a teoria de Durkheim em *Um toque de clássicos: Durkheim, Marx e Weber*.

### **Um toque de clássicos: Durkheim, Marx e Weber**

#### **Émile Durkheim | Quer que Desenhe | Mapa Mental | Descomplica**

O terceiro expoente da sociologia clássica é Max Weber (1864-1920). Seus estudos centraram-se nos campos da economia, do direito, da filosofia e história comparada. Mas, muito do trabalho está relacionado à análise ao desenvolvimento do capitalismo moderno e às formas de organização social que decorreram dele. Weber apontou algumas das características que, para ele, eram centrais nas sociedades capitalistas industriais, com sob a perspectiva sociológica.

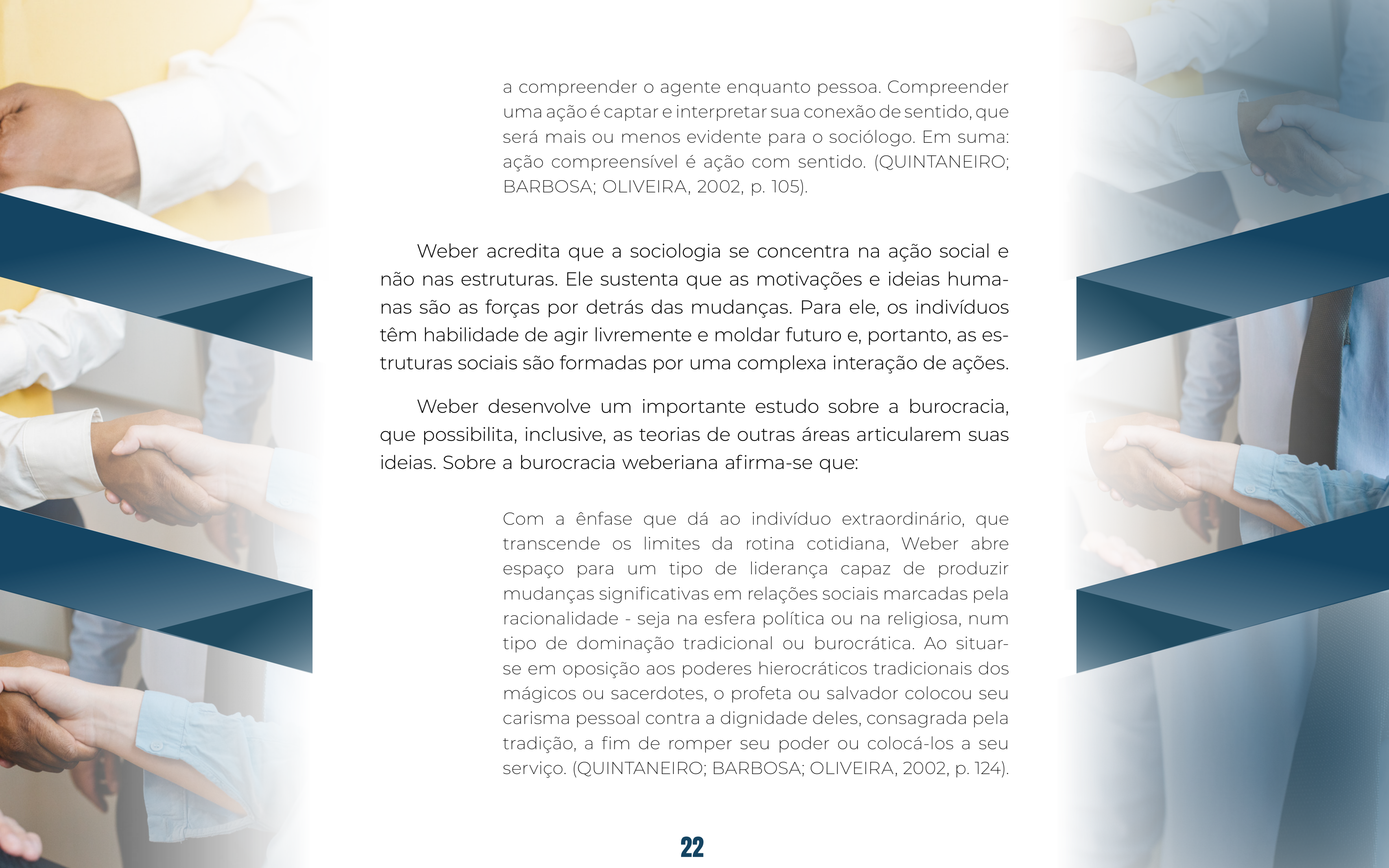
Weber visava entender a natureza e as causas da mudança social. Ele foi influenciado por Marx, mas também foi um ávido crítico do marxismo, em alguns pontos. Cunhou termos importantes para a sociologia, e o conceito mais utilizado é a ação social.



A ação é definida por Weber como toda conduta humana (ato, omissão, permissão) dotada de um significado subjetivo dado por quem a executa e que orienta essa ação. Quando tal orientação tem em vista a ação - passada, presente ou futura - de outro ou de outros agentes que podem ser 'individualizados e conhecidos ou uma pluralidade de indivíduos indeterminados e completamente desconhecidos' - o público, a audiência de um programa, a família do agente etc. - a ação passa a ser definida como social (QUINTANEIRO; BARBOSA; OLIVEIRA, 2002, p. 104).

Portanto, a sociologia, para Weber:

É a ciência 'que pretende entender, interpretando-a, a ação social para, dessa maneira, explicá-la causalmente em seu desenvolvimento e efeitos', observando suas regularidades as quais se expressam na forma de usos, costumes ou situações de interesse, e embora a Sociologia não tenha a ver somente com a ação social, sem embargo, para o tipo de Sociologia que o autor propõe, ela é o dado central, constitutivo. Entretanto, algumas ações não interessam à Sociologia por serem reativas, sem um sentido pensado, como a de retirar a mão ao se levar um choque. A explicação sociológica busca compreender e interpretar o sentido, o desenvolvimento e os efeitos da conduta de um ou mais indivíduos referida a outro ou outros - ou seja, da ação social, não se propondo a julgar a validade de tais atos nem

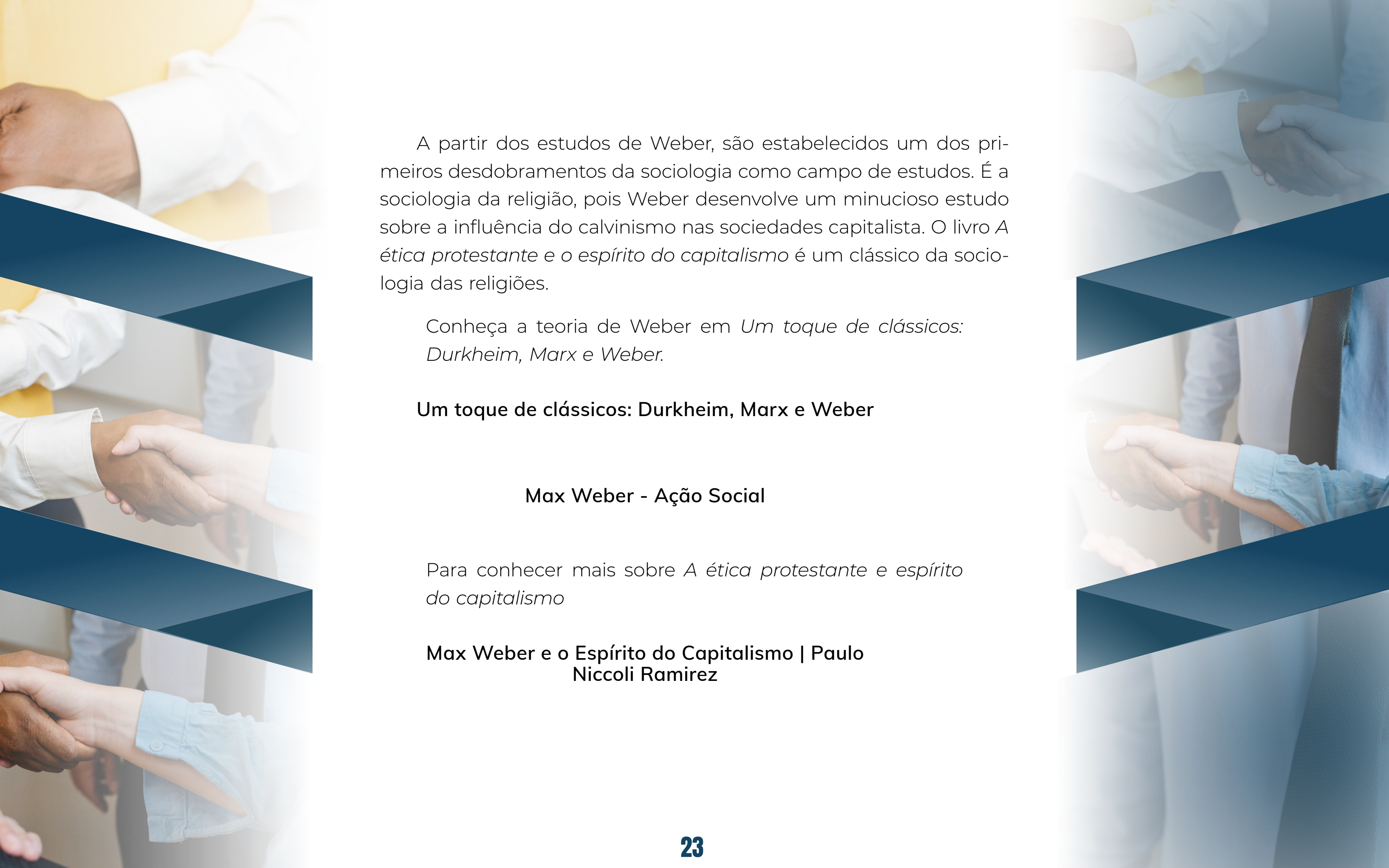


a compreender o agente enquanto pessoa. Compreender uma ação é captar e interpretar sua conexão de sentido, que será mais ou menos evidente para o sociólogo. Em suma: ação compreensível é ação com sentido. (QUINTANEIRO; BARBOSA; OLIVEIRA, 2002, p. 105).

Weber acredita que a sociologia se concentra na ação social e não nas estruturas. Ele sustenta que as motivações e ideias humanas são as forças por detrás das mudanças. Para ele, os indivíduos têm habilidade de agir livremente e moldar futuro e, portanto, as estruturas sociais são formadas por uma complexa interação de ações.

Weber desenvolve um importante estudo sobre a burocracia, que possibilita, inclusive, as teorias de outras áreas articularem suas ideias. Sobre a burocracia weberiana afirma-se que:

Com a ênfase que dá ao indivíduo extraordinário, que transcende os limites da rotina cotidiana, Weber abre espaço para um tipo de liderança capaz de produzir mudanças significativas em relações sociais marcadas pela racionalidade - seja na esfera política ou na religiosa, num tipo de dominação tradicional ou burocrática. Ao situar-se em oposição aos poderes hierocráticos tradicionais dos mágicos ou sacerdotes, o profeta ou salvador colocou seu carisma pessoal contra a dignidade deles, consagrada pela tradição, a fim de romper seu poder ou colocá-los a seu serviço. (QUINTANEIRO; BARBOSA; OLIVEIRA, 2002, p. 124).



A partir dos estudos de Weber, são estabelecidos um dos primeiros desdobramentos da sociologia como campo de estudos. É a sociologia da religião, pois Weber desenvolve um minucioso estudo sobre a influência do calvinismo nas sociedades capitalista. O livro *A ética protestante e o espírito do capitalismo* é um clássico da sociologia das religiões.

Conheça a teoria de Weber em *Um toque de clássicos: Durkheim, Marx e Weber*.

**Um toque de clássicos: Durkheim, Marx e Weber**

**Max Weber - Ação Social**

Para conhecer mais sobre *A ética protestante e espírito do capitalismo*

**Max Weber e o Espírito do Capitalismo | Paulo Niccoli Ramirez**

### 3. A SOCIOLOGIA NAS ORGANIZAÇÕES


Figura 5 - Sociologia das organizações

**Fonte:** Portal Sociologia.

As sociedades são formadas pelo conjunto de pessoas, suas manifestações culturais, econômicas, sociais e políticas em determinado período. Nenhuma sociedade é imutável, pois à medida em que os grupos de seres humanos agregam conhecimento e modificam as formas de pensamento, a sociedade como um todo tende a mudar.

Nesse sentido, os objetos de análise dos estudos da sociologia tendem a mudar. As diversas transformações e manifestações humanas modificam também o foco de análise da sociologia. Com as sucessivas mudanças sociais ocorridas no século XX, a sociologia ampliou seu escopo teórico metodológico dando surgimento à novas abordagens sociológicas. Desse processo resultaram os desdobramentos sociológicos ou as chamadas sociologias aplicadas.



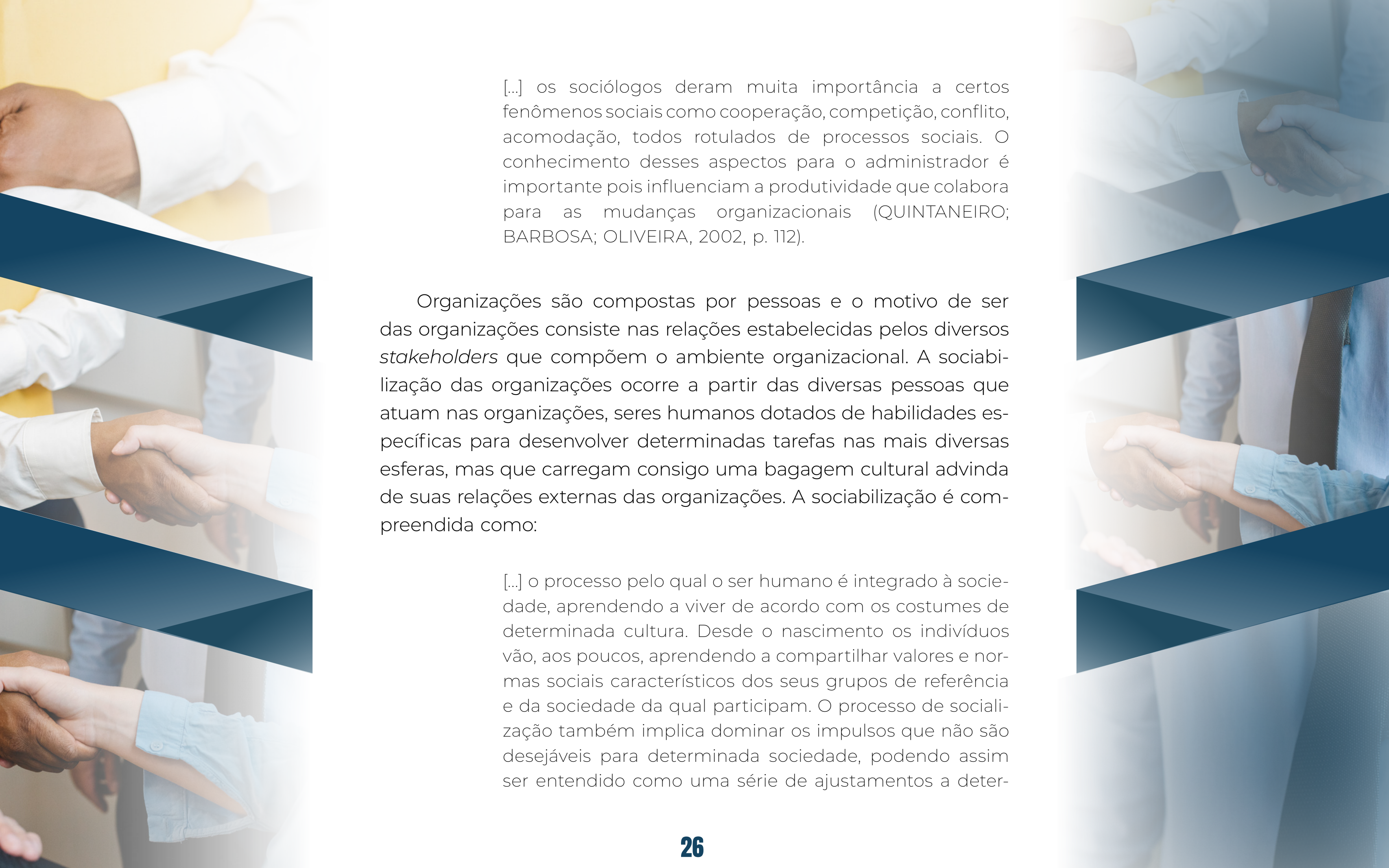


Na segunda metade do século XX, o crescimento de grupos de pesquisa com abordagens sociológicas específicas teve grande avanço nas Universidades, criando disciplinas que abordavam a sociologia específica de cada área de formação. Sociologia das religiões, sociologia do corpo, sociologia da saúde, sociologia e as formas jurídicas, sociologia dos esportes, sociologia organizacional etc.

Aqui, o objetivo de análise consiste na abordagem da sociologia organizacional como um desdobramento da sociologia geral. Nesse enfoque, os conhecimentos da sociologia clássica não são refutados, mas o foco de análise das concepções teóricas direciona-se para as organizações. De acordo com Cristina Costa, a sociologia prática,

[...] teria como objetivo a intervenção na sociedade, a partir de pesquisas de menor abrangência, que se aprofundassem no estudo de determinados contextos sobre os quais se desejava agir. Assim, uma tendência estaria voltada para o conhecimento desinteressado, outra, para a obtenção de informações como ferramentas da ação. (COSTA, 2005, p. 327)

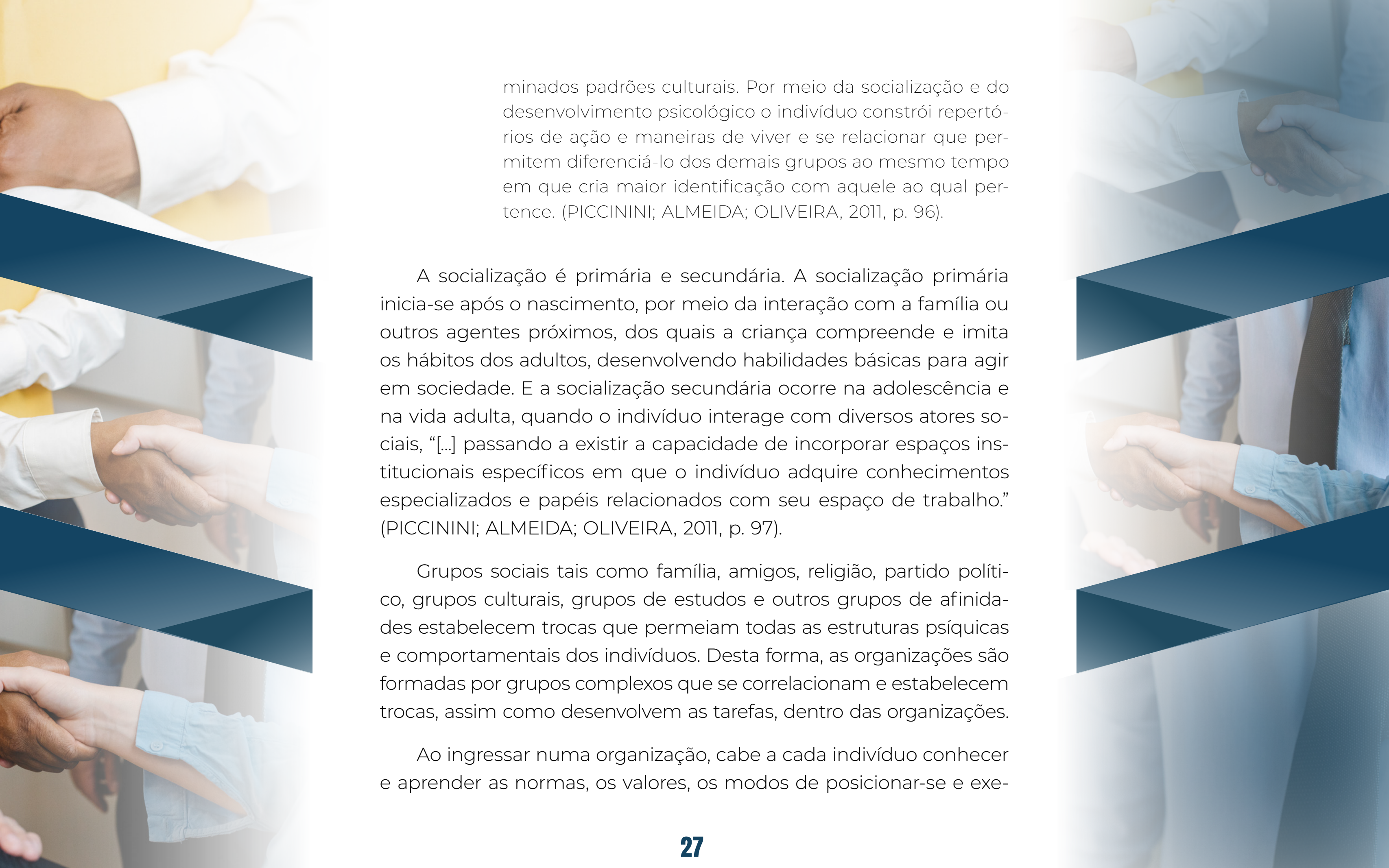
Assim, a distinção entre sociologia geral e sociologia aplicada consiste no recorte estabelecido sobre as relações sociais e os grupos analisados. No caso da sociologia organizacional, Silvio Luiz de Oliveira, destaca que:



[...] os sociólogos deram muita importância a certos fenômenos sociais como cooperação, competição, conflito, acomodação, todos rotulados de processos sociais. O conhecimento desses aspectos para o administrador é importante pois influenciam a produtividade que colabora para as mudanças organizacionais (QUINTANEIRO; BARBOSA; OLIVEIRA, 2002, p. 112).

Organizações são compostas por pessoas e o motivo de ser das organizações consiste nas relações estabelecidas pelos diversos *stakeholders* que compõem o ambiente organizacional. A sociabilização das organizações ocorre a partir das diversas pessoas que atuam nas organizações, seres humanos dotados de habilidades específicas para desenvolver determinadas tarefas nas mais diversas esferas, mas que carregam consigo uma bagagem cultural advinda de suas relações externas das organizações. A sociabilização é compreendida como:

[...] o processo pelo qual o ser humano é integrado à sociedade, aprendendo a viver de acordo com os costumes de determinada cultura. Desde o nascimento os indivíduos vão, aos poucos, aprendendo a compartilhar valores e normas sociais característicos dos seus grupos de referência e da sociedade da qual participam. O processo de socialização também implica dominar os impulsos que não são desejáveis para determinada sociedade, podendo assim ser entendido como uma série de ajustamentos a deter-

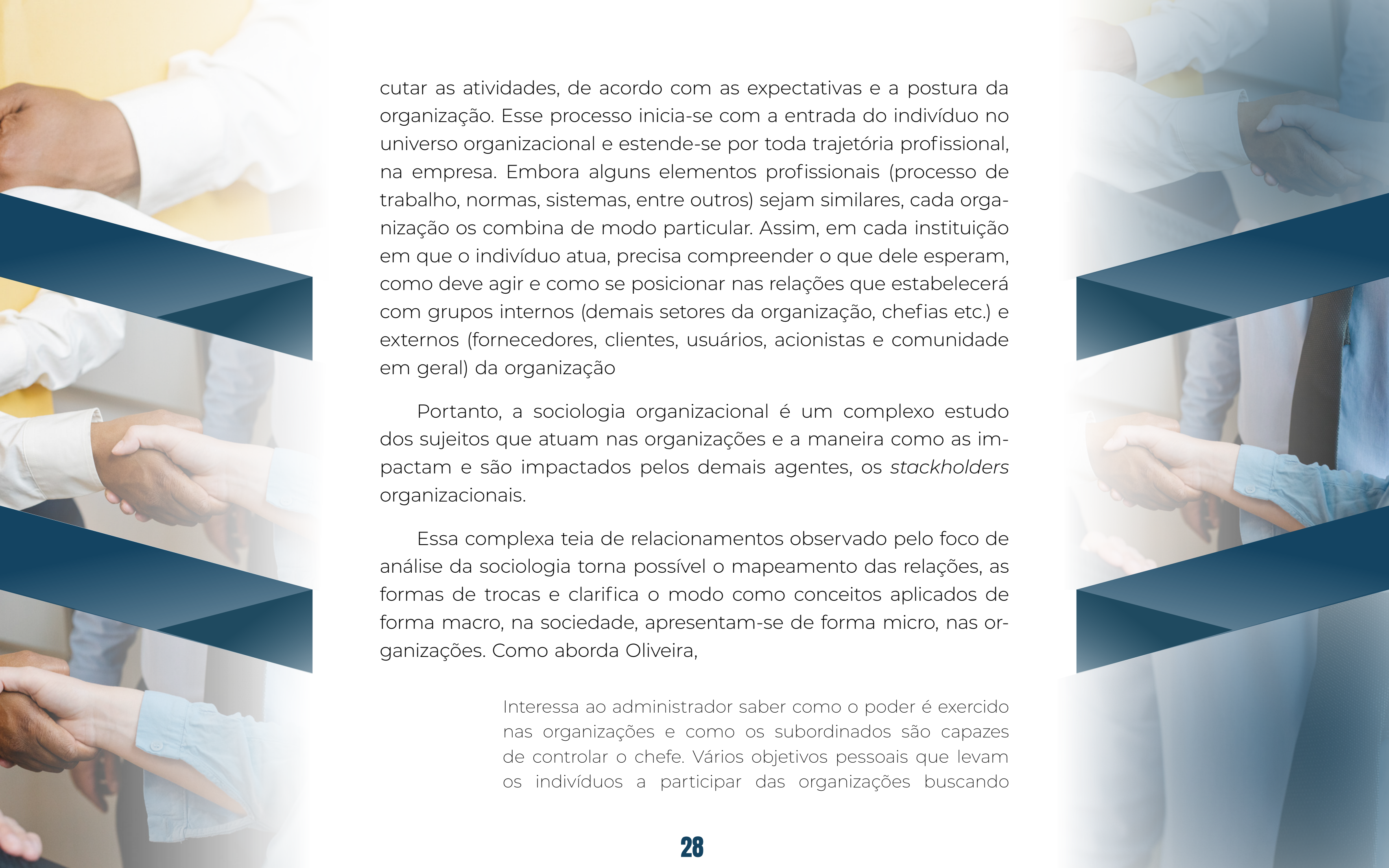


minados padrões culturais. Por meio da socialização e do desenvolvimento psicológico o indivíduo constrói repertórios de ação e maneiras de viver e se relacionar que permitem diferenciá-lo dos demais grupos ao mesmo tempo em que cria maior identificação com aquele ao qual pertence. (PICCININI; ALMEIDA; OLIVEIRA, 2011, p. 96).

A socialização é primária e secundária. A socialização primária inicia-se após o nascimento, por meio da interação com a família ou outros agentes próximos, dos quais a criança compreende e imita os hábitos dos adultos, desenvolvendo habilidades básicas para agir em sociedade. E a socialização secundária ocorre na adolescência e na vida adulta, quando o indivíduo interage com diversos atores sociais, “[...] passando a existir a capacidade de incorporar espaços institucionais específicos em que o indivíduo adquire conhecimentos especializados e papéis relacionados com seu espaço de trabalho.” (PICCININI; ALMEIDA; OLIVEIRA, 2011, p. 97).

Grupos sociais tais como família, amigos, religião, partido político, grupos culturais, grupos de estudos e outros grupos de afinidades estabelecem trocas que permeiam todas as estruturas psíquicas e comportamentais dos indivíduos. Desta forma, as organizações são formadas por grupos complexos que se correlacionam e estabelecem trocas, assim como desenvolvem as tarefas, dentro das organizações.

Ao ingressar numa organização, cabe a cada indivíduo conhecer e aprender as normas, os valores, os modos de posicionar-se e exe-



cutar as atividades, de acordo com as expectativas e a postura da organização. Esse processo inicia-se com a entrada do indivíduo no universo organizacional e estende-se por toda trajetória profissional, na empresa. Embora alguns elementos profissionais (processo de trabalho, normas, sistemas, entre outros) sejam similares, cada organização os combina de modo particular. Assim, em cada instituição em que o indivíduo atua, precisa compreender o que dele esperam, como deve agir e como se posicionar nas relações que estabelecerá com grupos internos (demais setores da organização, chefias etc.) e externos (fornecedores, clientes, usuários, acionistas e comunidade em geral) da organização

Portanto, a sociologia organizacional é um complexo estudo dos sujeitos que atuam nas organizações e a maneira como as impactam e são impactados pelos demais agentes, os *stackholders* organizacionais.

Essa complexa teia de relacionamentos observado pelo foco de análise da sociologia torna possível o mapeamento das relações, as formas de trocas e clarifica o modo como conceitos aplicados de forma macro, na sociedade, apresentam-se de forma micro, nas organizações. Como aborda Oliveira,

Interessa ao administrador saber como o poder é exercido nas organizações e como os subordinados são capazes de controlar o chefe. Vários objetivos pessoais que levam os indivíduos a participar das organizações buscando

satisfazê-los, variam conforme o tipo de influência da família e da sociedade em que nasceram e cresceram. Tal fato deve ser entendido pelo administrador, que tem por função conseguir produtividade e dar condições para que os participantes trabalhem satisfeitos por obterem na organização aquilo que pretendem. (OLIVEIRA, 2002, p. 212).

Portanto, o gestor organizacional estuda os campos sociais em que a organização está inserida e, assim, alinha conceitos sociológicos úteis para o desenvolvimento das organizações e dos indivíduos.

### **Sugestão de Filme**

*Ford, o homem e a máquina*

Direção: Allan Eastman

Ano: 1995

Sinopse: Baseado no livro de Robert Lacey, apresenta a história de Henry Ford, o homem que criou a produção em série, revolucionando a indústria mundial, e seu amor pelas máquinas, seu drama familiar e o relacionamento amoroso com uma jovem funcionária.

**Política como vocação: O que Weber tem a dizer sobre o mundo atual?**

## 4. ASPECTOS DA SOCIOLOGIA NAS ORGANIZAÇÕES

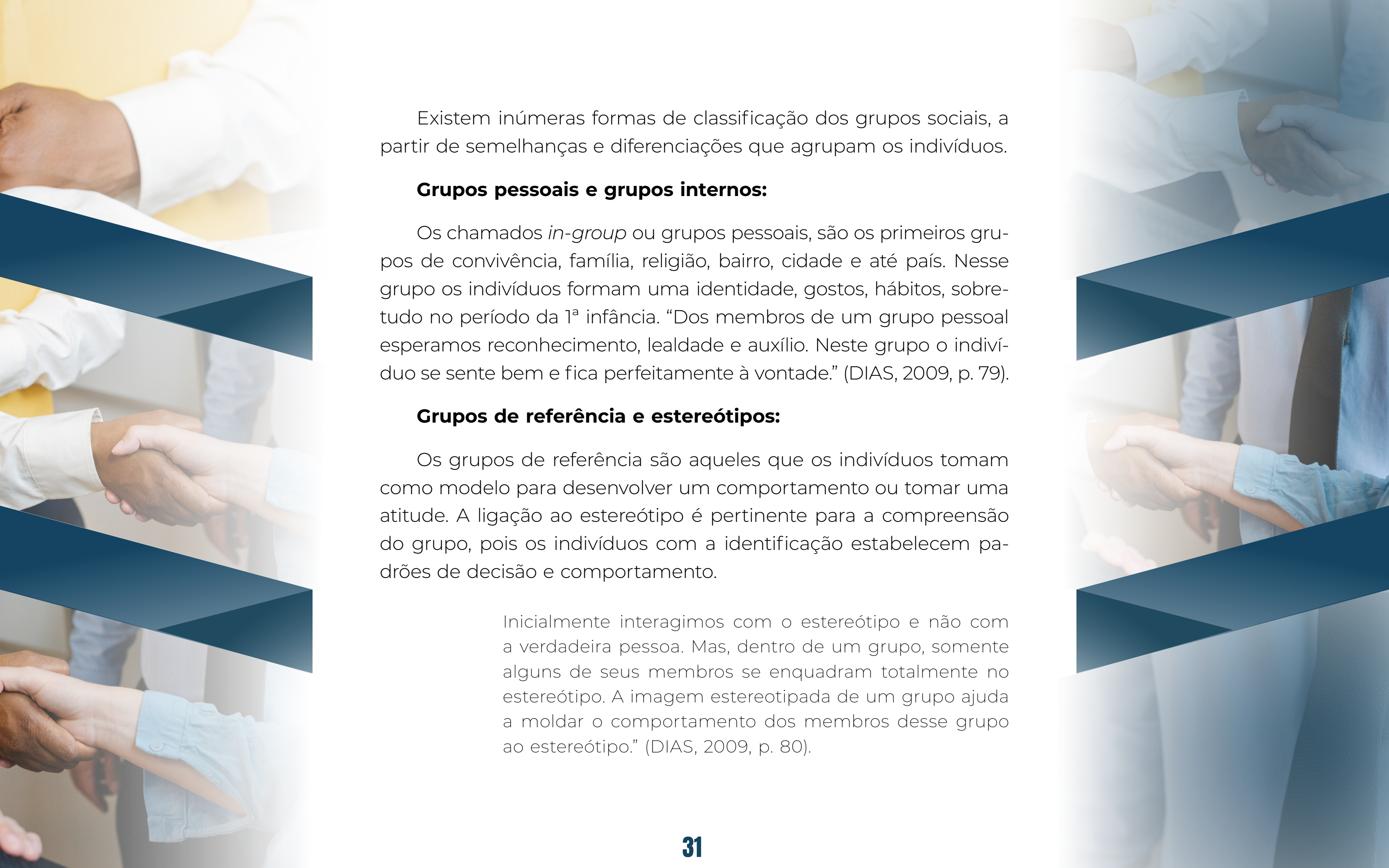
### Figura 6 - Sociologia nas organizações

**Fonte:** Gestão Empresarial FATEC.

Conforme estudado, muitos conceitos da sociologia são úteis para o desenvolvimento das organizações tendo como pressuposto que as organizações são formadas por pessoas e essas são parte integrante de um grupo social mais amplo. Dessa forma, aponta-se alguns conceitos da sociologia possíveis de serem implementados nas organizações.

Inicialmente, cada indivíduo que atua nas organizações faz parte de vários grupos sociais.

Grupo social é qualquer conjunto de pessoas em interação, que compartilham uma consciência de membros. Os grupos sociais têm características singulares, são diretamente observáveis, pois de modo geral se manifestam por fenômenos observáveis exteriormente. Os seus membros apresentam condutas mais ou menos semelhantes, apresentam objetivos comuns, apresentando normas, símbolos e valores que o tornam diferente, um agente social diferenciado dos indivíduos que o compõem (DIAS, 2009, p. 77).



Existem inúmeras formas de classificação dos grupos sociais, a partir de semelhanças e diferenciações que agrupam os indivíduos.

### **Grupos pessoais e grupos internos:**

Os chamados *in-group* ou grupos pessoais, são os primeiros grupos de convivência, família, religião, bairro, cidade e até país. Nesse grupo os indivíduos formam uma identidade, gostos, hábitos, sobretudo no período da 1ª infância. “Dos membros de um grupo pessoal esperamos reconhecimento, lealdade e auxílio. Neste grupo o indivíduo se sente bem e fica perfeitamente à vontade.” (DIAS, 2009, p. 79).

### **Grupos de referência e estereótipos:**

Os grupos de referência são aqueles que os indivíduos tomam como modelo para desenvolver um comportamento ou tomar uma atitude. A ligação ao estereótipo é pertinente para a compreensão do grupo, pois os indivíduos com a identificação estabelecem padrões de decisão e comportamento.

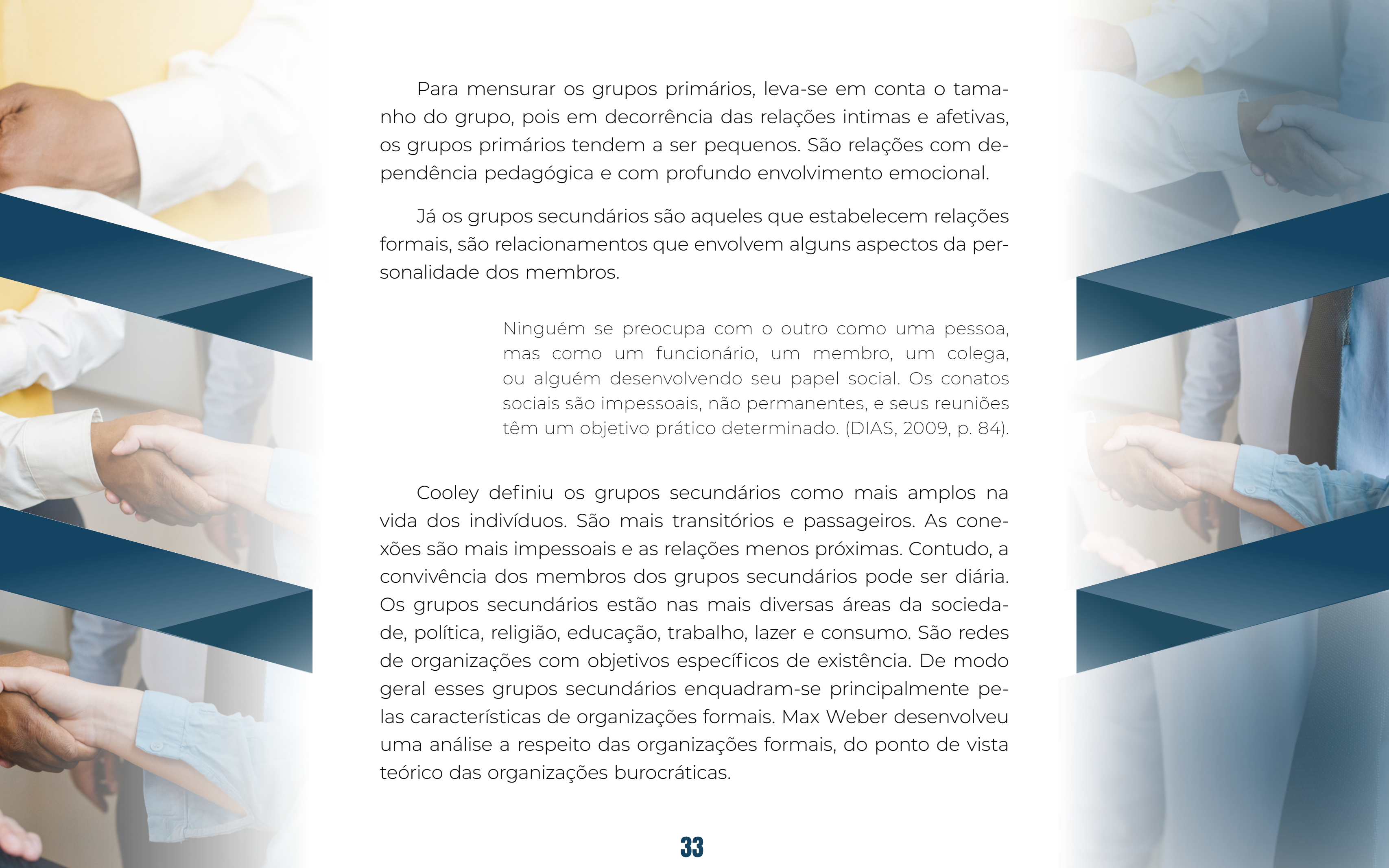
Inicialmente interagimos com o estereótipo e não com a verdadeira pessoa. Mas, dentro de um grupo, somente alguns de seus membros se enquadram totalmente no estereótipo. A imagem estereotipada de um grupo ajuda a moldar o comportamento dos membros desse grupo ao estereótipo.” (DIAS, 2009, p. 80).

### **Grupos primários e secundários:**

Para o entendimento da importância dos grupos no estudo da sociologia organizacional, há que compreender a existência de dois grupos essenciais, grupos primários e grupos secundários. Os grupos primários são aqueles impactados direta e intimamente pelos membros do grupo de pertencimento. São os grupos primários que tornam possível o estabelecimento das relações pessoais, dos vínculos afetivos íntimos e estreitos. São grupos primários as famílias, sejam consanguíneas ou afetivas, sem modelos concebidos como nucleares, um conceito mais amplo de família, no qual há ligações mais fortes, compartilham o cotidiano e os principais vínculos afetivos. Também são grupos primários as amizades. Os grupos de amigos que dividem confidências, partilham experiências, suprem necessidades de contato humano íntimo. As definições de grupos primários foram organizadas por Charles Horton Cooley, em 1909, no livro *Social Organization*. Cooley definiu grupos primários

“[...] em vários sentidos, mas principalmente por serem fundamentais na formação da natureza social e dos ideais das individualidades. O resultado de associações íntimas. O melhor modo de descrever este pertencer do indivíduo no grupo é a utilização do pronome ‘nós’, pois isso envolve um tipo de simpatia e mútua identificação no qual ‘nós’ é a expressão natural dessa situação.” (COOLEY, *apud* DIAS, 2009, p. 82).



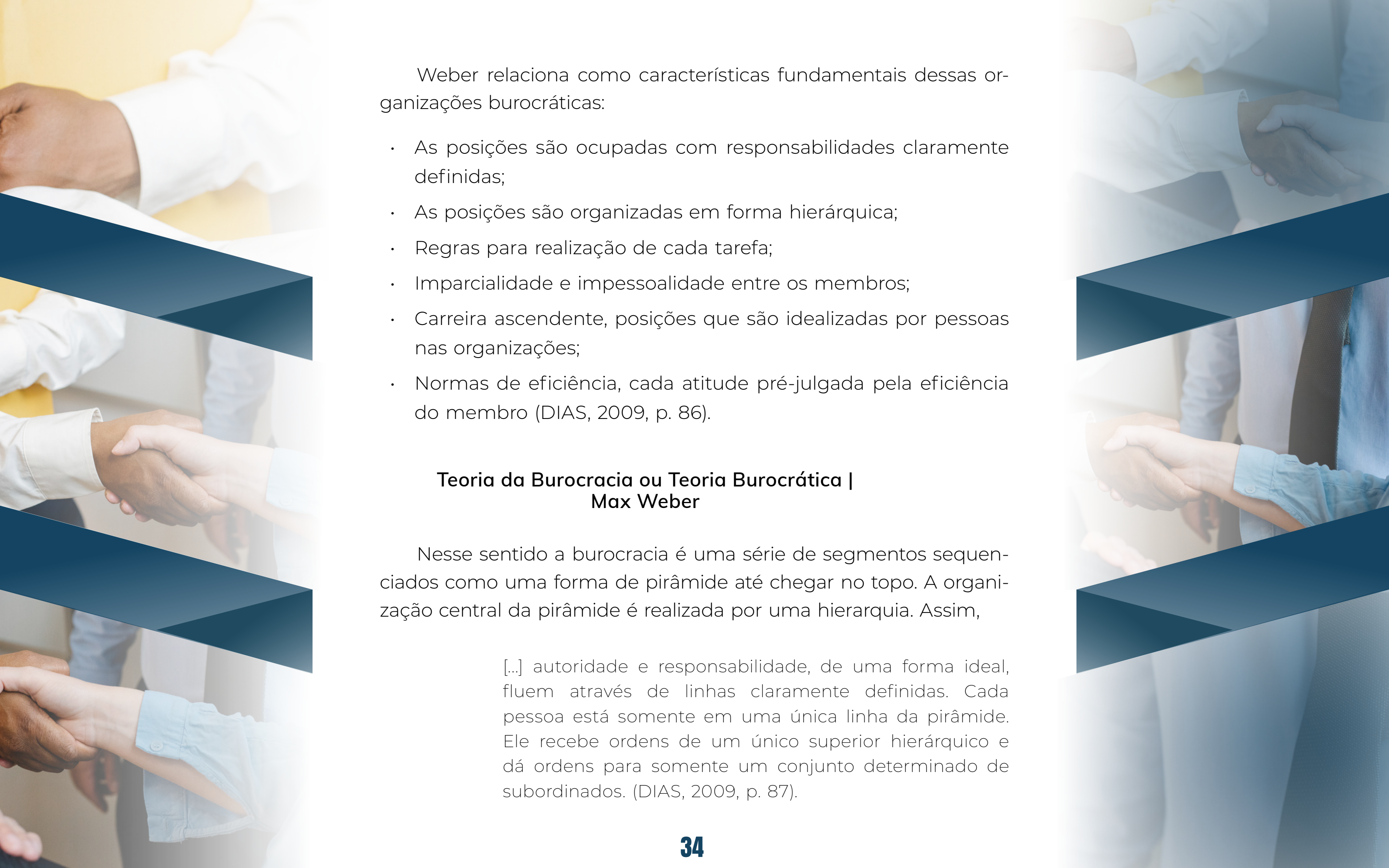


Para mensurar os grupos primários, leva-se em conta o tamanho do grupo, pois em decorrência das relações íntimas e afetivas, os grupos primários tendem a ser pequenos. São relações com dependência pedagógica e com profundo envolvimento emocional.

Já os grupos secundários são aqueles que estabelecem relações formais, são relacionamentos que envolvem alguns aspectos da personalidade dos membros.

Ninguém se preocupa com o outro como uma pessoa, mas como um funcionário, um membro, um colega, ou alguém desenvolvendo seu papel social. Os contatos sociais são impessoais, não permanentes, e suas reuniões têm um objetivo prático determinado. (DIAS, 2009, p. 84).

Cooley definiu os grupos secundários como mais amplos na vida dos indivíduos. São mais transitórios e passageiros. As conexões são mais impessoais e as relações menos próximas. Contudo, a convivência dos membros dos grupos secundários pode ser diária. Os grupos secundários estão nas mais diversas áreas da sociedade, política, religião, educação, trabalho, lazer e consumo. São redes de organizações com objetivos específicos de existência. De modo geral esses grupos secundários enquadram-se principalmente pelas características de organizações formais. Max Weber desenvolveu uma análise a respeito das organizações formais, do ponto de vista teórico das organizações burocráticas.



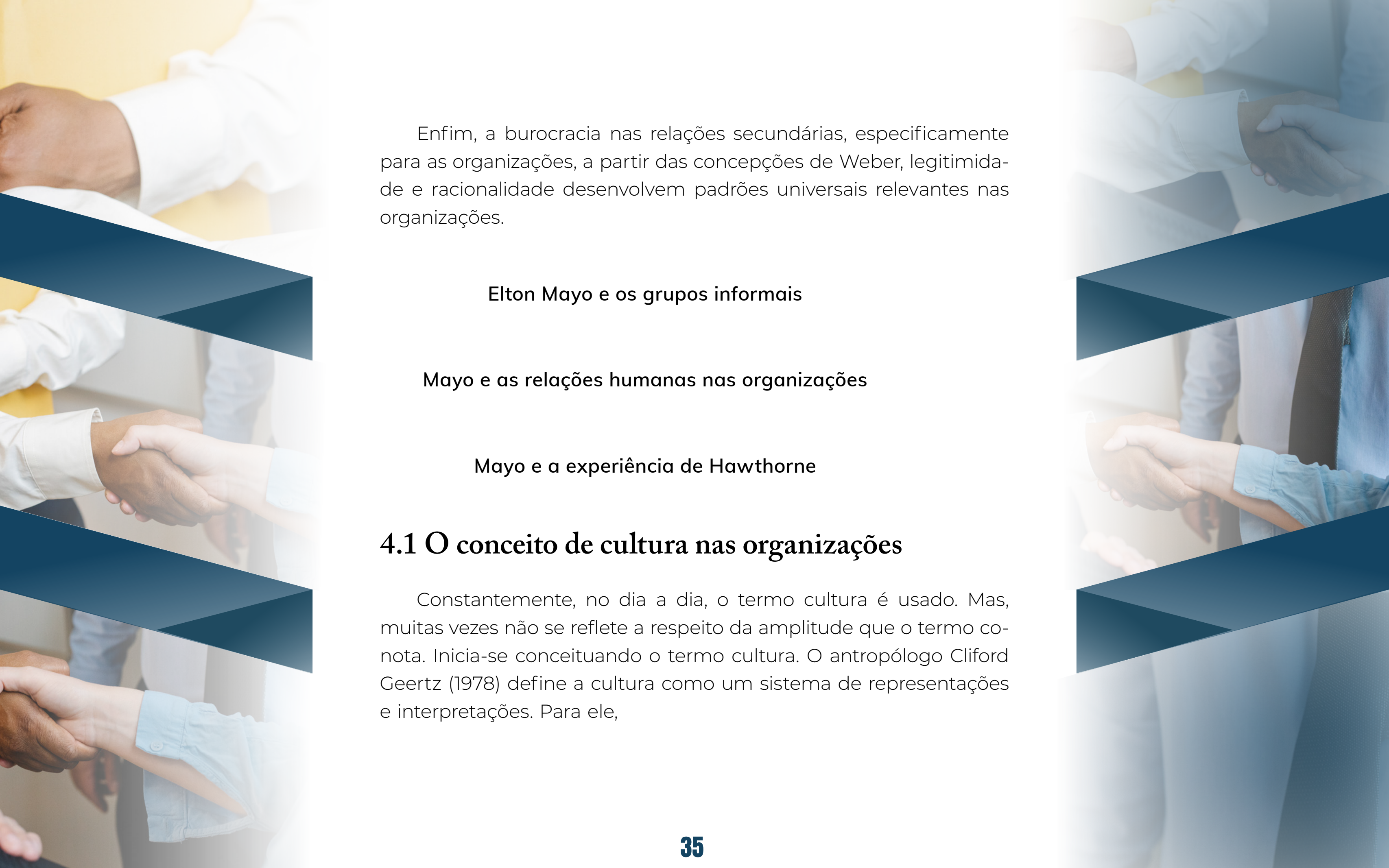
Weber relaciona como características fundamentais dessas organizações burocráticas:

- As posições são ocupadas com responsabilidades claramente definidas;
- As posições são organizadas em forma hierárquica;
- Regras para realização de cada tarefa;
- Imparcialidade e impessoalidade entre os membros;
- Carreira ascendente, posições que são idealizadas por pessoas nas organizações;
- Normas de eficiência, cada atitude pré-julgada pela eficiência do membro (DIAS, 2009, p. 86).

### **Teoria da Burocracia ou Teoria Burocrática | Max Weber**

Nesse sentido a burocracia é uma série de segmentos sequenciados como uma forma de pirâmide até chegar no topo. A organização central da pirâmide é realizada por uma hierarquia. Assim,

[...] autoridade e responsabilidade, de uma forma ideal, fluem através de linhas claramente definidas. Cada pessoa está somente em uma única linha da pirâmide. Ele recebe ordens de um único superior hierárquico e dá ordens para somente um conjunto determinado de subordinados. (DIAS, 2009, p. 87).



Enfim, a burocracia nas relações secundárias, especificamente para as organizações, a partir das concepções de Weber, legitimidade e racionalidade desenvolvem padrões universais relevantes nas organizações.


### Elton Mayo e os grupos informais

### Mayo e as relações humanas nas organizações

### Mayo e a experiência de Hawthorne

## 4.1 O conceito de cultura nas organizações

Constantemente, no dia a dia, o termo cultura é usado. Mas, muitas vezes não se reflete a respeito da amplitude que o termo conota. Inicia-se conceituando o termo cultura. O antropólogo Clifford Geertz (1978) define a cultura como um sistema de representações e interpretações. Para ele,




[...] a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles [símbolos] podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade.” (GEERTZ, 1978, p. 15).

De acordo com Geertz, “[...] a cultura são os significados que informam as condutas humanas e as tornam inteligíveis.” (GEERTZ, 1978, p. 15). A cultura é formada por teias de significações que dão origem às matrizes múltiplas e distintas, que influenciam os indivíduos. A linguagem, a escrita, as práticas cotidianas, as práticas religiosas, os hábitos alimentares, o vestiário, as várias maneiras de comportamento, toda manifestação humana está enquadrada numa teia de significados que dão sentido as práticas cotidianas. Todas são práticas carregadas de sentidos culturais.


De acordo com Geertz, os indivíduos atribuem sentidos aos acontecimentos que vivenciam por meio de padrões culturais, que são agrupamentos ordenados de símbolos significativos.

Os indivíduos sentem, percebem, raciocinam, julgam e agem sob a direção desses símbolos. A experiência humana é assim uma sensação significativa, interpretada e aprendida. Geertz destaca a compreensão dos padrões



culturais, organizados por meio de símbolos sociais, que se manifestam nos comportamentos individuais como uma questão fundamental para a antropologia. Para a área de Administração os referenciais da antropologia sobre cultura contribuem para a discussão de dois temas: a cultura organizacional e a relação entre cultura e consumo. A cultura organizacional é objeto de estudo das áreas de estudos organizacionais e recursos humanos, que partem de autores como Geertz para construir diferentes correntes e interpretações sobre quanto objetiva pode ser a compreensão do universo cultural e quanto ele é passível de controle e gerenciamento por parte dos administradores. (PICCININI; ALMEIDA; OLIVEIRA, 2011, p. 108).

As organizações, assim como os grupos primários, são afetadas pela cultura do grupo. A organização, é moldada por fatores carregados de sentidos, como as crenças e valores compartilhados pelos membros, por aspectos simbólicos que fazem cada organização ser única. Para compreender as formas de cultura organizacional, é preciso entender os elementos simbólicos apresentados pelos membros, no dia a dia, por atitudes, comportamentos, expressões de linguagem, tipo de vestimenta ou por ritos e mitos manifestados, símbolos de referência produzidos pela cultura. Piccinini, Almeida e Oliveira, consideram que:



[...] uma cultura organizacional pode ser conhecida pelos símbolos, imagens, mitos, estórias, linguagem, rituais, cerimônias, hábitos e valores, além dos artefatos visíveis da organização, tais como a organização espacial, arquitetura, móveis e espaço físico. Destaca a importância da busca pela construção de uma cultura, a qual seria possível por meio de: (1) homogeneidade e estabilidade dos seus membros e (2) intensidade das experiências compartilhadas entre os indivíduos do grupo. Assim, uma empresa com cultura forte seria aquela com uma história longa e intensa, ao passo em que a fraca seria caracterizada pela constante troca de membros e pelo não enfrentamento de dificuldades. (PICCININI; ALMEIDA; OLIVEIRA, 2011, p. 108).

Em suma, o estudo da cultura organizacional permite outra dimensão para análise das relações no mundo corporativo, seja no interior das empresas ou delas com a sociedade em que estão inseridas.

Para saber mais sobre cultura organizacional e a relevância para organizações públicas, leia o artigo *Cultura organizacional em organizações públicas no Brasil*:

### **Cultura organizacional em organizações públicas no Brasil**

**O que é cultura organizacional?**

## O conceito de poder nas organizações

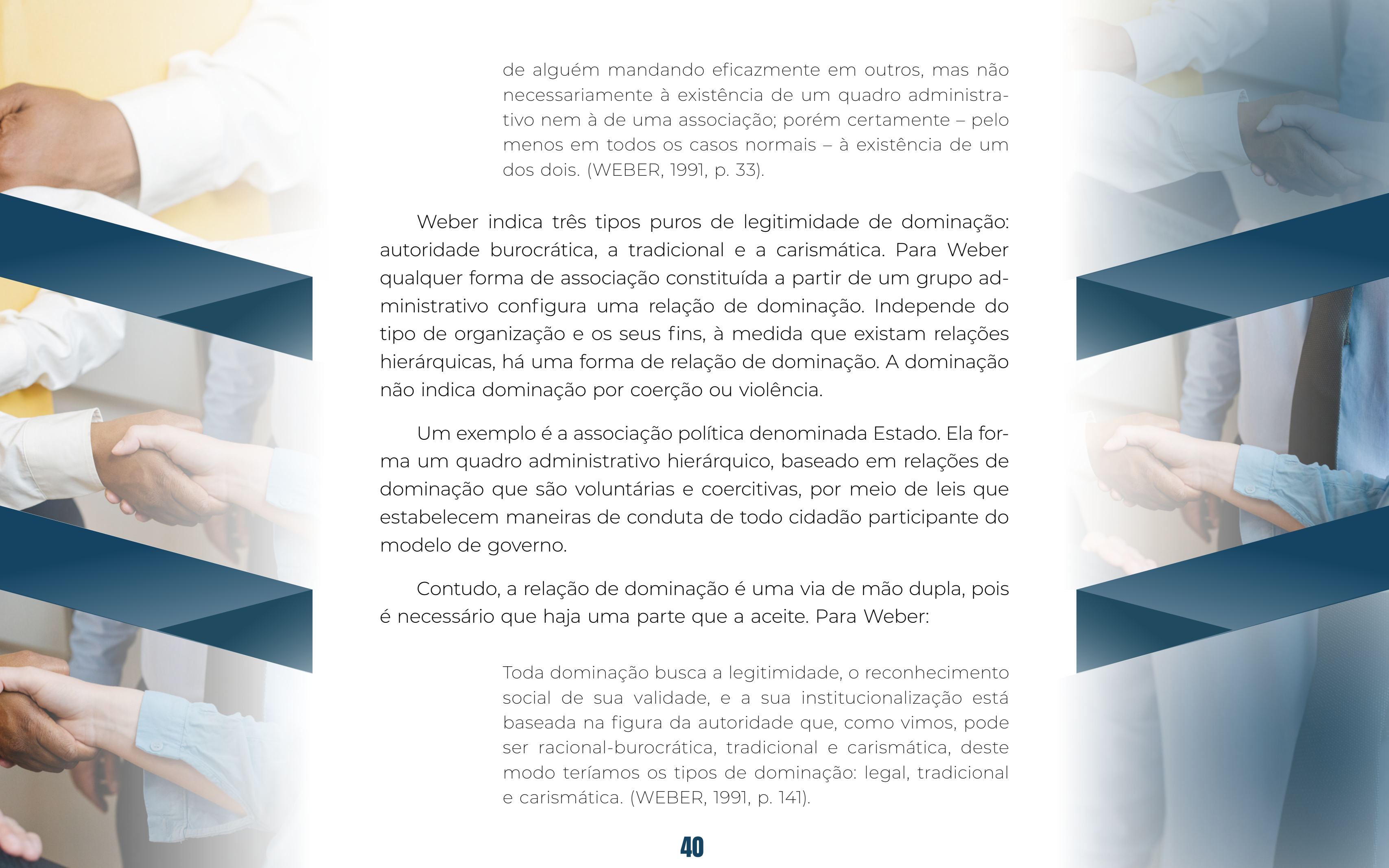
Para reconhecer os reflexos do conceito de poder nas organizações, há que compreender como ele intervém na sociedade, como um todo. Reinaldo Dias afirma que:

A maior parte dos cientistas sociais compartilha a ideia de que poder é a capacidade para afetar o comportamento dos outros. O poder pode ser considerado como um meio que o grupo ou indivíduos tem de fazer com que as coisas sejam realizadas por outros indivíduos ou grupos. (DIAS, 2009, p. 90).

O sociólogo Max Weber categorizou que “[...] poder significa toda probabilidade de impor a própria vontade numa relação social, mesmo contra resistências, seja qual for o fundamento dessa probabilidade.” (WEBER, 1991, p. 33). Contudo, Weber considera o poder sociologicamente amorfo, enquadrado num leque de possibilidades que consistem nas relações de poder legítimas e não legítimas.

Sob os aspectos da legitimidade, todo poder manifesto por autoridade concedida pela sociedade é legítimo, embora formas de poder não legítimas ocupem importantes espaços na sociedade. Denomina-se dominação as relações de poder consideradas legítimas. A dominação segundo Weber:

É a probabilidade de encontrar obediência a uma ordem. A situação de dominação está ligada à presença efetiva



de alguém mandando eficazmente em outros, mas não necessariamente à existência de um quadro administrativo nem à de uma associação; porém certamente – pelo menos em todos os casos normais – à existência de um dos dois. (WEBER, 1991, p. 33).

Weber indica três tipos puros de legitimidade de dominação: autoridade burocrática, a tradicional e a carismática. Para Weber qualquer forma de associação constituída a partir de um grupo administrativo configura uma relação de dominação. Independente do tipo de organização e os seus fins, à medida que existam relações hierárquicas, há uma forma de relação de dominação. A dominação não indica dominação por coerção ou violência.

Um exemplo é a associação política denominada Estado. Ela forma um quadro administrativo hierárquico, baseado em relações de dominação que são voluntárias e coercitivas, por meio de leis que estabelecem maneiras de conduta de todo cidadão participante do modelo de governo.

Contudo, a relação de dominação é uma via de mão dupla, pois é necessário que haja uma parte que a aceite. Para Weber:

Toda dominação busca a legitimidade, o reconhecimento social de sua validade, e a sua institucionalização está baseada na figura da autoridade que, como vimos, pode ser racional-burocrática, tradicional e carismática, deste modo teríamos os tipos de dominação: legal, tradicional e carismática. (WEBER, 1991, p. 141).



### **Por dominação legal entende-se:**


A dominação baseada em estatutos, obedece-se às ordens impessoais, objetivas e legalmente instituídas e aos superiores por ela designados, não importando a pessoa em si ocupante do cargo ou da posição. O tipo mais puro de dominação legal é aquele que se exerce por meio de um quadro administrativo burocrático. (DIAS, 2009, p. 187).

### **Por dominação tradicional, entende-se**

A dominação que se obedece à pessoa nomeada pela tradição e vinculada a esta, em virtude da devoção de hábitos costumeiros. Obedece-se ao senhor em virtude da dignidade pessoal que lhe atribui a tradição. Não se obedece a estatutos mas às pessoas indicadas pela tradição ou pelo senhor tradicionalmente determinado. Há uma profunda relação de fidelidade pessoal daqueles predispostos a obedecer. (DIAS, 2009, p. 188).

### **Por dominação carismática, entende-se**

Aquela que se obedece ao líder carismaticamente qualificado como tal, em virtude de confiança pessoal em revelação, heroísmo ou exemplaridade dentro do âmbito da crença nesse seu carisma. A associação de dominação dos adeptos é uma relação comunitária de caráter emocional. O quadro administrativo do senhor carismático é selecionado segundo critérios de qualidades carismáticas. (DIAS, 2009, p. 189).



Nas organizações os três tipos de lideranças aparecem associadas. Além, de estabelecer uma relação estreita com a noção de poder, os tipos de dominação caracterizam a cultura da organização, além do tipo de liderança estabelecida pelo topo hierárquico.

Para Weber, nas organizações são exercidos os instrumentos de dominação em todos os níveis hierárquicos, desde o operário até o presidente da organização. Elementos simbólicos são os exemplos dessa dominação, uso de uniformes, uso de slogan, de jargões organizacionais, estabelecimento de metas, influência de comportamentos e emoções ou de ideologias são formas simbólicas de dominação. (WEBER, 1991).

Nessa perspectiva, as hierarquias de poder nas organizações operam de maneiras formais e informais, evitando tensões ou mesmo oposições. O estabelecimento de poder hierárquico também é uma forma de sistematizar e coordenar as relações humanas nas organizações. São elementos da sociologia que operam como mecanismos efetivos nas organizações.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Muitos são os termos e conceitos aplicados na sociologia organizacional, tendo como base elementos fundamentais para o estudo da sociologia em si. É importante que o campo do conhecimento seja rigorosamente estabelecido, a fim de que os elementos da sociologia organizacional gerem reflexões analíticas críticas e retire as discussões do senso comum.

O texto apresentou possibilidades de entendimento e interação entre os usos acadêmicos dos conceitos abordados e o uso prático da sociologia organizacional, aplicada às diversas culturas organizacionais.

A maior responsabilidade em tempos de conhecimento acessível é a rigidez na seleção das fontes de pesquisas e a não aceitação de versão que escapa do conhecimento científico rigoroso e responsável.

Conhecimento nunca é demais, desde que seja conhecimento produzido com qualidade e rigor científico.



## REFERÊNCIAS

COSTA, C. **Sociologia. Introdução à ciência da sociedade**. São Paulo. Editora Moderna, 2005.

DIAS, R. **Sociologia e Administração**. Campinas: Alíneas, 2009.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GIDDENS, A. **Sociologia**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GIDDENS, A. **A Constituição da sociedade**. Martins Fontes: São Paulo, 1991.

GONÇALVES, M. H. B.; WYSE, Nely. **Ética e trabalho**. Rio de Janeiro: SENAC, 1996.

HOBSBAWM, E. J. **A era das revoluções**. São Paulo: Paz e Terra, 1977.

QUINTANEIRO, T.; BARBOSA, M. L. de O.; OLIVEIRA, M. G. de. **Um toque de clássicos: Durkheim, Marx e Weber**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

PICCININI, V. C.; ALMEIDA, M. L.; OLIVEIRA, S. R. de. **Sociologia e administração: relações sociais nas organizações**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

VOVELLE, M. (org.). **França Revolucionária – 1789-1799**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

WEBER, M. **Economia e sociedade**. Brasília: UNB, 1991.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE DO PARANÁ  
UNICENTRO**

**NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - NEAD  
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UAB**

**Prof. Dr. Ademir Juracy Fanfa Ribas  
Coordenador Geral Curso**

**Prof. Me. Cléber Trindade Barbosa  
Coordenador Geral NEAD / Coordenador Administrativo do Curso**

**Prof.<sup>a</sup> Ma. Marta Clediane Rodrigues Anciutti  
Coordenadora de Programas e Projetos / Coordenadora Pedagógica**

**Fabíola de Medeiros  
Apoio Pedagógico**

**Ruth Rieth Leonhardt  
Revisora**

**Murilo Holubovski  
Designer Gráfico**

**Sora Shimazaki/Pexels  
Foto**

Set/2021